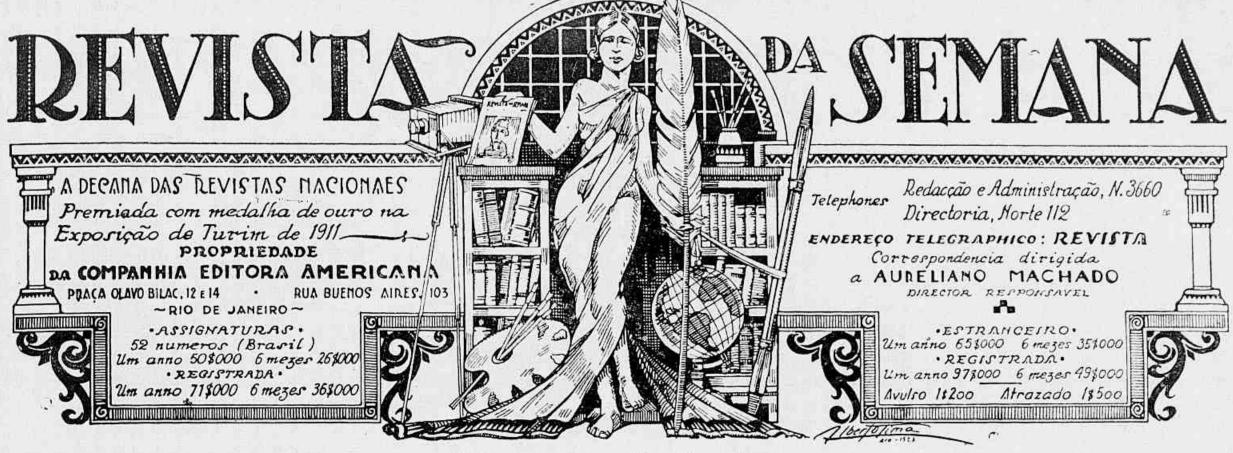
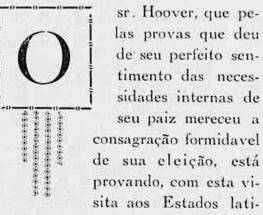
# Revista da Semana

ANNO XXX -- N. 1

22 de Dezembro de 1928

Nº4711
Fé
Nº4711.
Fé
Um perfume que agrada e
e que faz agradar.
DESENHO REGISTRADO

Este numero contém 52 paginas.

| ANNO XXX | Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 1928 | NUMERO 1 |
|---|---|---|

O sr. Hoover, que pelas provas que deu de seu perfeito sentimento das necessidades internas de seu paiz mereceu a consagração formidavel de sua eleição, está provando, com esta visita aos Estados latinos do Continente, a sua nitida visão no dominio das relações internacionaes.

O extraordinario avanço que os Estados Unidos tomaram sobre os demais paizes americanos, tendo sabido formar ao lado, de egual para egual, das grandes potencias mundiaes, e — digamol-o francamente — algumas attitudes de alguns governos norte-americanos em relação a pequenas nações do Novo Mundo, e pelas quaes a grande nação não pode ser responsabilizada, pois não foram de vulto a modificar a tradição liberal de sua politica exterior, teem feito com que aos olhos da Europa a grande Nação do norte seja vista como um tutor severo e carrancudo, *big stick* na vigorosa mão, feitoreando o bando submisso de suas pupilas, presas pela subordinação á doutrina de Monroe.

Sabemos nós, na America Latina, que assim não é.

Os Estados-Unidos, pela força e prestigio que lhe adveem do seu formidavel desenvolvimento economico e da acentuada preoccupação do bem publico que anima os seus homens de Estado, se collocaram na posição de irmão mais velho e de mais juizo, com cujo conselho se poderá contar nos casos difficeis. Não representa porém, de forma alguma, um perigo, uma ameaça, uma causa de preoccupação.

Essa famosa doutrina de Monroe, que mais não é do que a proclamação da intangibilidade da independencia politica e da integridade territorial de qualquer um dos Estados da America, se traduziu no pan-americanismo, que é a expressão da concordia e da fraternidade continental.

A visita de um Presidente eleito dos Estados Unidos ás nações da America é a demonstração positiva dos sentimentos fraternaes da grande democracia do norte para os demais paizes do continente. E o sr. Hoover, emprehendendo essa viagem de cortezia, tinha de antemão a segurança de que ia proporcionar uma opportunidade para que o mundo todo aquilatasse, pelo calor da recepção que o acolheria em qualquer recanto da America, da sinceridade e do enthusiasmo dos sentimentos geraes da America para com os Estados Unidos.

Nós, no Brasil, que desde os primeiros annos de vida independente desenvolvemos a nossa politica internacional na confiante solidariedade com a grande patria do sr. Hoover, vemos nessa significativa attitude inicial de sua alta investidura a consagração eloquente do acerto da nossa politica.

Com essa viagem o sr. Hoover traçou de antemão o rumo de seu governo quanto á politica continental; e isso lhe assegurou para o dia da sua inauguração presidencial, alem dos applausos geraes dos povos de sua terra, as mais significativas manifestações de confiança de todos os povos da America, irmã e unida.

>*<

O sr. Herbert Hoover nunca foi politico profissional. Engenheiro, dotado de grande força de vontade e de largo folego emprehendedor, quando os Estados Unidos se viram envolvidos na grande guerra mundial, o instincto de previsão do governo americano solicitou-lhe a actividade em funcções da maior relevancia — o abastecimento das tropas na Europa. A clarividencia, a habilidade, a energia com que se houve no desempenho dessa difficilima tarefa consagraram seu nome e lhe garantiram o triumpho na vida publica. Ministro do Commercio do presidente Coolidge, a actividade que desenvolveu no exercicio de sua missão administrativa não foi senão a applicação daquellas mesmas extraordinarias qualidades em um campo de acção muito mais vasto.

Elevaram-no agora á Presidencia do seu paiz e elle, antes de assumir as grandes responsabilidades de tão eminente investidura, quiz dar, com o penhor de sua alta comprehensão do pan-americanismo, a solemne demonstração de que não era merecedor apenas da confiança de seus concidadãos; merecia mais ainda: era digno da completa e inteira confiança dos demais paizes da America e do resto do mundo.

Rodrigo Octavio

*(Da Academia Brasileira)*

O sr. João Goldfrang não era um d'esses joalheiros modernos que fazem da vitrine uma isca para attrahir a freguezia. Não. Era um homem do tempo antigo e não se resolvia a alterar os seus habitos, mesmo porque seus negocios continuavam a correr bem e elle nunca sentira necessidade de imitar os processos commerciaes modernos. Encher a vitrine de luzes e reflexos mirificos, variar quasi diariamente a montra exibindo por meios complicados as ultimas acquisições pareciam-lhe recursos de charlatinice proprios para uma feira mas indignos de um negociante sério. A sua loja, discretamente situada no fundo da rua de Provença, mantinha a vitrine como se fazia ha trinta annos, contendo apenas collares baratos, relogios economicos... emfim cousas para o publico modesto. A freguezia bôa conhecia a "casa", *sabia* o que podia encontrar nella.

De facto, a sua clientela, fiel e escolhida, composta principalmente por seus collegas da rua de la Paix, procurava-o sempre que precisava de uma pedra rara, ou de uma obra singularmente preciosa. Porque era certo encontrar alli uma e outra cousa, a despeito do aspecto antiquado e modesto da loja. E' que o sr. Goldfrang entendia d'esse commercio como ninguem e, embora tambem vestido com estri[cta] simplicidade, dispunha de grandes capita[es], o que lhe permittia pagar bem, e á vista, [as] peças interessantes que appareciam á vend[a].

Outra particularidade tornára famoso [o] sr. João Goldfrang no mundo dos joalheir[os].

Esse velhinho de olhos myopes, ar timi[do] e sorriso hesitante nunca fôra roubado. U[m] faro infallivel puzera-o sempre ao abrigo d[as] surpresas tão communs nesse genero de com[mercio]: nem notas falsas, nem pedras suspeitas, nem objectos roubados haviam jamais sur[prehendido] a sua desconfiança sempre alert[a].

Nessa manhã, mais do que nunca, um instincto de desconfiado puzera-o vigilante ao vêr entrar na loja um *senhor* de estatura quasi athletica, com o braço direito todo enrolado em pannos brancos e immobilizado por fortes ataduras, que o prendiam ao peito. A sumptuosa limousine, que o trouxera e se mantinha á porta, não o tranquillizava porque elle sabia que os automoveis de luxo constituem, em nosso tempo, um dos "instrumentos de trabalho" dos falsarios e ladrões que operam contra joalheiros e bancos.

— Quero vêr anneis. O sr. Levy disse-me que o senhor tem, neste momento, um lindo lote.

O desconhecido fallava com voz nitida e sympathica, máu grado um leve sotaque estrangeiro. De resto, o nome invocado era o de um de seus melhores freguezes. Mas apezar d'isso o sr. Goldfrang, guiado por um presentimento invencivel, manteve a mesma attitude glacial e distante.

— Restam-me apenas quatro d'esses anneis — disse elle, sem se mover. — São de 40 a 60 mil francos.

— Olá! São mais caros do que eu pensava. Tinha imaginado uma cousa até vinte e cinco mil francos. Em todo o caso, deixe-m'os ve[r]

## Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Quereis a cutis macia,
Sem ser queimada do sol?
Fazei uso todo o dia
Do sabonete EUCALOL.

*Aurelio Ferreira.*

Itabayanna — Parahyba do Norte.

O sr. Goldfrang passou ao segundo compartimento da loja, aquelle em que estavam o seu cofre e seu empregado, Victor, um rapagão sem grande intelligencia mas dotado de musculos solidos.

Tirou os anneis do cofre e sussurrou ao empregado:

— Venha commigo e fique de olhos attentos. Está ahi um typo que me parece suspeito.

Sob a vigilancia do sr. Goldfrang e Victor, sentado em um alto tamborete, o freguez examinou longamente os anneis, fazendo perguntas minuciosas e inquirindo varias vezes os preços. Por fim, decidiu-se por um annel dos mais caros, de sessenta mil francos, e disse:

— Fico com este. Mas como não trouxe commigo a quantia necessaria...

"Falhaste o golpe — concluiu mentalmente o joalheiro. E propoz com um ar que mal disfarçava a zombaria:

— Se quer deixar alguma cousa por conta, posso guardar o annel ás suas ordens, até amanhã.

O desconhecido sacudiu a cabeça.

— Não. Prefiro mandar o meu chauffeur buscar o dinheiro, que tenho em casa. Será questão de um quarto de hora. O senhor vai fazer-me o favor de escrever duas linhas que lhe vou dictar para minha mulher.

E, com um gesto triste, mostrava o braço amarrado.

"E' o instante que elle espera para saltar sobre mim — pensou o sr. Goldfrang. E, a despeito da presença de Victor, collocou-se na ponta mais afastada, no balcão, para escrever em uma folha solta de papel o que o freguez lhe dictou:

"Manda-me immediatamente sessenta mil francos. Trata-se de um negocio que não quero perder. *João.*"

"Ah! Elle tambem se chama João — disse comsigo mesmo o joalheiro. Emfim... vamos ver o que sáe d'aqui. Provavelmente o chauffeur volta dizendo que a senhora não estava em casa, e elle tem que inventar outro plano...

Entretanto o desconhecido, chamando o chauffeur, entregara-lhe o bilhete mettido em um enveloppe da casa e dissera:

— Leva isso á senhora e volta depressa com a resposta.

Vinte minutos depois, o chauffeur voltou. Com grande surpresa para o sr. Goldfrang, trazia os 60.000 francos. O annel foi pago e o desconhecido retirou-se.

O resto do dia passou sem mais incidente. A's 6 horas o joalheiro foi para casa, mas somente ás 8, após o jantar, sua esposa se lembrou de fazer esta pergunta.

— Ah!... e afinal? Fizeste o tal negocio, que não podias perder?

— Que negocio? — perguntou o sr. Goldfrang attonito.

— Aquelle para o qual mandaste buscar aqui sessenta mil francos!

## ASTUCIA DO NATAL

*Vesperas do Natal. A avózinha jantou em casa. Carlitos vae deitar-se. Levantando-se da mesa e antes de despedir-se de todos, Carlitos, que tem mostrado na ultima semana um subito fervor e — é forçoso confessar — não muito desinteressado, ajoelha-se junto da mamã e reza as orações costumeiras.*

*E emendando, em voz bem alta, quasi aos gritos e frisando cada uma das syllabas, cita a lista de brinquedos que deseja receber.*

*A mamã, surprehendida, interrompe-o:*

*— Por que é que gritas tanto? o Menino Jesus não é surdo!...*

*— Eu sei, eu sei, responde Carlitos baixando de tom: o Menino Jesus não é surdo, mas... a avózinha o é!*



A menina Nena, enlevo do casal Herculano Lobo.

O QUE NOS DIZ SEU PAPAE:

*Illmos. Snrs.*
*Directores da Companhia Nestlé.*
*Caixa do Correio n. 760*
*Rio de Janeiro.*
*Amigos e Senhores*

*Tomo a liberdade de enviar a VV. SS. uma photographia de minha filhinha Nena, grande consumidora do seu afamado producto: Farinha Lactea Nestlé. Minha Nena tem agora 2 annos e está pesando 13 kilos e 200 grammas, graças a esse alimento forte e rico em phosphatos. Agradeço a VV.SS. os seus meritorios esforços que contribuiram para a saúde e robustez de minha filha.*

*Com toda a consideração e elevada estima, subscrevo-me*

*de VV.SS.*
*Amg. Atto. Obgdo.*
(Assignado)
HERCULANO DE ARAUJO LOBO.
*Rua Bella de S. João, 12*

A's mães cujos bêbês não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericordia n. 12 — Rio — afim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.





## MEIO DE FICAR RICO

Um dos jornaes mais serios da Hungria recebeu ultimamente uma curiosa proposta de um rapaz, que não só assignou sua proposta como ainda a acompanhou com a assignatura de duas testemunhas.

Este senhor, que dá sua profissão, seu endereço, sua religião, annuncia que está decidido a casar-se e pede ao jornal em questão para lançar 10.000 bilhetes de loteria a dois *pengos* cada um, que poderiam ser comprados por mulheres, mesmo disformes, que desejassem um marido.

Offerecia ao jornal 1.000 pengos pelo serviço que lhe ia prestar.

Evidentemente, se o jornal tivesse querido acceitar esse original offerecimento o rapaz teria feito um excellente negocio, porque alem da esposa arranjaria 19.000 *pengos*.



Dois aspectos tirados na Escola Profissional Rivadavia Corrêa ao ser inaugurada a exposição de trabalhos escolares.

LONDRES, *Dezembro de 1928*

Não consta que o velho Mathusalem, lá pela altura de seus seiscentos annos, deixasse de usar tunicas de certas côres, por pouco adequadas ás suas venerandas cans. Porque então dizer que tal ou tal

côr não fica bem a senhores de certa idade?

Em assumpto de roupas sportivas, por exemplo, não ha nem deve haver a menor restrição quanto ás côres, por mais idoso que seja quem as use.

As côres mais claras e brilhantes assentam melhor ainda com as cabeças grisalhas. Os cabellos grisalhos são como que um fundo neutro sobre o qual qualquer coisa fica bem. Os cabellos loiros, castanhos ou negros já não combinam com todas as côres.

Observei um grupo de homens bem vestidos, entre os quaes havia alguns já um tanto idosos e que não se preocupavam com a idade para o uso de certas côres.

Reparei, por exemplo, n'um cavalheiro de cabeça grisalha, alto e esguio que me, pareceu ser o mais elegante da roda, incluindo mesmo os rapazes. Usava um jaquetão azul prussiano, camisa listada de branco e azul, de peito engommado, collarinho de pontas viradas, gravata amarello-canario e lenço de linho branco, azul e amarello. O azul do terno e o amarello da gravata combinavam magnificamente com o grisalho dos cabellos.

Um outro homem entrado em annos, com a cabeça bem grisalha, trazia um terno de um cinzento médio, camisa com listas brancas e côr de rosa, gravata vermelho-amora e lenço de seda com desenhos cinzentos e vermelhos.

*

Quem possue a compleição athletica de um campeão de box ou da lucta romana, e deseja fazer ainda mais sobresahir essa corpulencia, poderá usar tecidos de padrão vistoso que maior realce darão ao physico. Quem não deseja, porém, dar maior realce ao corpo deverá adstringir-se aos tecidos de côr lisa e discreta, de preferencia em tonalidades escuras.

O cavalheiro de estatura commum pode ceder á tentação dos tecidos phantasiosos e dos xadrezes, nos quaes entram mais de três côres. Modelos proprios podem comtudo ser usados por homens de corpulencia com a necessaria discreção e desde que taes modelos forneçam variedade sem aggravação de effeito.

Aqui está uma suggestão para combinar accessorios com um terno marron não muito claro:

Camisa de listas brancas e amarellas, collarinho branco, gravata azul escura de uma côr só e chapéu marron.

Suggestões para um terno cinzento:

camisa azul claro, gravata cinzenta com pintas azul-escuro, capote azul-marinho, chapéu côco, cache-col cinzento e azul marinha.

*Peter Gray*

# Grammatica...

E' grande o reboliço em casa do Simeão Lazanha, conceituado amanuense extra-numerario da repartição do Fomento Mineralogico. Chefe de familia exemplar, encadernado na mais perfeita honestidade, Simeão não soffre do egoismo vulgar de se divertir sózinho; quando consegue uma fólga e um saldo extraordinario nas magras

economias, não olha a sacrificios e leva a familia em peso ás distracções mais accessiveis — o cinema, o campo de Sant'Anna, o Jardim Zoologico. A familia em peso, aliás muito leve e modesta, compõe-se de d. Beringela, sua metade mais gorda, e de quatro filhos: a Zazá, normalista em ultimo gráu; a Zezé, candidata a dactylographa; a Zizi, que ainda não tem aspirações defi-

nidas, e o Zuzú, o caçula, travesso e brincalhão.

O reboliço se explica por um projecto extravagante do Simeão. Tendo recebido, a muito custo, uns addicionaes que estavam encovados em processo moroso, resolveu fazer um passeio formidavel, levando todo o seu rancho á Gavea, á Tijuca e adjacencias, em automovel! Ficaram todos como baratas em vesperas de trovoada; pela primeira vez na vida iam gosar as delicias de uma volta de automovel, traste que somente conheciam de vista e de longe, excepção de um auto de folha de flandres que o padrinho de Zuzú déra de presente e que ficou quebrado no fundo da gaveta do criado mudo.

As melhores roupas foram enfronhadas e Simeão traçava a lapis, num papel de embrulho, todo o curso que iriam realizar, commodamente repimpados num Ford moderno, contratado na *garage* da vizinhança.

Volta e meia, como sempre acontecia, a Zazá, normalista e ciosa de seu titulo de sabichona, concertava as cincas e os cochilos que as phrases dos paes e dos manos perpetravam, por serem todos de poucas letras e muito raras luzes...

A' hora combinada, a businа do auto soôu, naquelle tom caracteristico de coqueluche com gósma, annunciando o momento solemne. Simeão, com toda a sua gente, foi vêr o carro, da janella. Era lindo! Um *landaulet* com o *chauffeur* em grande gala e lotação para cinco pessoas. O amphitrião coçou a cabeça: caberiam todos no vehiculo? Zuzú, o pimpolho, receioso de ser sacrificado e condemnado a ficar em casa com a mucama, agarrou-se, quasi choroso, á mamãe:

—Tambem vou no automovel?

—Se *caber* no carro, observou a matrona.

Zazá acudiu logo com a sua sciencia:

— Mamãe, não se diz *caber*, é *couber*.

O pae, desejoso de contentar a todos, rompeu:

— Ha de *couber*!... Ora essa! Porque não ha de *couber?*

Zazá voltou-se depressa para o pae:

— Não é *couber*, papae, é *caber*.

— Máu! Máu! Você gosta de atrapalhar tudo com essa historia de grammatica! Em que ficamos? Para sua mãe é *couber*

e para mim é *caber*... Francamente, isso é um disparate...

E, antes que a filha explicasse, bateu na testa, como André Chenier antes de perder

a sua, e como se tivesse apanhado um lampejo inspirador:

— Ah! já sei!... *Couber* é feminino e *caber* é masculino...

A gentil senhorinha Marianna Salles Filho e o tenente Sylvio Motta no dia do seu auspicioso enlace.

## Os automoveis que ha no mundo

*A abertura do Salão do Automovel, em Paris, tornou a pôr em fóco a questão do numero de carros que circulam nos diversos paizes.*

*Segundo as estatisticas norte-americanas ultimamente publicadas, o Continente Americano — comprehendidas as tres Americas, do Norte, do Centro e do Sul — contava em 1 de Janeiro de 1918 com 24.800.000 automoveis, contra 23.400.000 em 1 de Janeiro de 1927, isto é: houve um augmento de 1.400.000 carros.*

*Na Europa, em 1 de Janeiro de 1928, circulavam 3.600.000, contra 3.100.000 na mesma data do anno anterior. Houve o accrescimo de meio milhão.*

*Australia — 600.000 contra 500.000; Asia — 200.000 contra 300.000; Africa — 230.000 contra 190.000.*

*Os 24.800.000 automoveis da America estão assim distribuidos: carros de turismo, 21.500.000; caminhões, 3.100.000; omnibus, 80.000; motocyclettas, 120.000.*

*Eis, em detalhes, as cifras européas: 2.300.000 carros de turismo, 900.000 caminhões, 110.000 omnibus e 290.000 motocyclettas.*

*E' de notar a grande proporção de omnibus que ha na Europa em relação ao numero de carros particulares.*

*Tambem salta aos olhos a enorme differença que ha entre as cifras correspondentes ás motocyclettas. Isso é devido, sem duvida, ao facto de haver nos Estados Unidos carros de turismo mais baratos do que as motos.*

## AS ARCHEIRAS DE CINCINNATI

A universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos) possue uma curiosa instituição sportiva feminina, o *Archery Club*, constituido por numerosas enthusiastas do arco.

Embora não estejam ha muito tempo praticando no tiro de arco, porque a adopção desse sport pelas moças norte-americanas é de data recente, as estudantes-archeiras de Cincinnati poderiam rivalizar na precisão da pontaria com o proprio Guilherme Tell.

Que o diga a gravura que aqui está. Nella apparece, encostada no grande disco de cortiça que serve de alvo ás archeiras, a sua presidente e instructora, miss Alice Kern. O seu sorriso calmo indica a absoluta confiança da bella mulher na pericia das suas alumnas, que vão desenhando com as flechas o contorno da heroica companheira.

E' claro que ha a possibilidade de ser essa original *pose* apenas um *truc* photographico. Mas vale mais admittil-a como uma prova soberba da habilidade prodigiosa a que chegaram no manejo do arco as escolares da Universidade de Cincinnati.

## O NOVO PALACIO DA DANSA, EM BERLIM

A crescente voga que vem tendo a dansa na sociedade moderna estimulou as iniciativas de uns tantos grandes industriaes de Berlim, levando-os á construcção de um sumptuoso edificio em que se renda permanente culto a Terpsychore.

O *Palacio da Dansa*, que se vê na gravura, acha-se situado em *Fasanenstrasse*, tendo sido officialmente inaugurado ha bem pouco tempo. Tanto pelas dimensões do seu salão de dansa como pela riqueza da decoração, póde ser considerado como um dos mais soberbos salões de espectaculo da Europa.

Custou o edificio dois milhões e meio de marcos, ouro; e outro tanto, approximadamente, as installações.

O que ha de mais curioso no *Palacio da Dansa* de Berlim é que funcionam constantemente em seus diversos departamentos varias orchestras que, naturalmente, se renovam de tres em tres horas, permittindo aos dansarinos a possibilidade de bater diariamente todos os *records* de resistencia coreographica.

un nouveau parfum
de Caron
Paris
les
Pois de Senteur
de
chez
moi
Les
Pois de
Senteur
de
Chez
Moi
Caron

LONDRES, *Dezembro de 1928*

Não consta que o velho Mathusalem, lá pela altura de seus seiscentos annos, deixasse de usar tunicas de certas côres, por pouco adequadas ás suas venerandas cans. Porque então dizer que tal ou tal

côr não fica bem a senhores de certa idade?

Em assumpto de roupas sportivas, por exemplo, não ha nem deve haver a menor restrição quanto ás côres, por mais idoso que seja quem as use.

As côres mais claras e brilhantes assentam melhor ainda com as cabeças grisalhas. Os cabellos grisalhos são como que um fundo neutro sobre o qual qualquer coisa fica bem. Os cabellos loiros, castanhos ou negros já não combinam com todas as côres.

Observei um grupo de homens bem vestidos, entre os quaes havia alguns já um tanto idosos e que não se preocupavam com a idade para o uso de certas côres.

Reparei, por exemplo, n'um cavalheiro de cabeça grisalha, alto e esguio que me, pareceu ser o mais elegante da roda, incluindo mesmo os rapazes. Usava um jaquetão azul prussiano, camisa listada de branco e azul, de peito engommado, collarinho de pontas viradas, gravata amarello-canario e lenço de linho branco, azul e amarello. O azul do terno e o amarello da gravata combinavam magnificamente com o grisalho dos cabellos.

Um outro homem entrado em annos, com a cabeça bem grisalha, trazia um terno de um cinzento médio, camisa com listas brancas e côr de rosa, gravata vermelho-amora e lenço de seda com desenhos cinzentos e vermelhos.

Quem possue a compleição athletica de um campeão de box ou da lucta romana, e deseja fazer ainda mais sobresahir essa corpulencia, poderá usar tecidos de padrão vistoso que maior realce darão ao physico. Quem não deseja, porém, dar maior realce ao corpo deverá adstringir-se aos tecidos de côr lisa e discreta, de preferencia em tonalidades escuras.

O cavalheiro de estatura commum pode ceder á tentação dos tecidos phantasiosos e dos xadrezes, nos quaes entram mais de três côres. Modelos proprios podem comtudo ser usados por homens de corpulencia com a necessaria discreção e desde que taes modelos forneçam variedade sem aggravação de effeito.

Aqui está uma suggestão para combinar accessorios com um terno marron não muito claro:

Camisa de listas brancas e amarellas, collarinho branco, gravata azul escura de uma côr só e chapéu marron.

Suggestões para um terno cinzento:

camisa azul claro, gravata cinzenta com pintas azul-escuro, capote azul-marinha, chapéu côco, cache-col cinzento e azul marinha.

*Peter Gr...*

# Grammatica...

E' grande o reboliço em casa do Simeão Lazanha, conceituado amanuense extra-numerario da repartição do Fomento Mineralogico. Chefe de familia exemplar, encadernado na mais perfeita honestidade. Simeão não soffre do egoismo vulgar de se divertir sózinho; quando consegue uma fólga e um saldo extraordinario nas magras

economias, não olha a sacrificios e leva a familia em peso ás distracções mais accessiveis — o cinema, o campo de Sant'Anna, o Jardim Zoologico. A familia em peso, aliás muito leve e modesta, compõe-se de d. Beringela, sua metade mais gorda, e de quatro filhos: a Zazá, normalista em ultimo gráu; a Zezé, candidata a dactylographa; a Zizi, que ainda não tem aspirações definidas, e o Zuzú, o caçula, travesso e brincalhão.

O reboliço se explica por um projecto extravagante do Simeão. Tendo recebido, a muito custo, uns addicionaes que estavam encovados em processo moroso, resolveu fazer um passeio formidavel, levando todo o seu rancho á Gavea, á Tijuca e adjacencias, em automovel! Ficaram todos como baratas em vesperas de trovoada; pela primeira vez na vida iam gosar as delicias de uma volta de automovel, traste que somente conheciam de vista e de longe, excepção de um auto de folha de flandres que o padrinho de Zuzú déra de presenté e que ficou quebrado no fundo da gaveta do criado mudo.

As melhores roupas foram enfronhadas e Simeão traçava a lapis, num papel de embrulho, todo o curso que iriam realizar, commodamente repimpados num Ford moderno, contratado na *garage* da vizinhança.

Volta e meia, como sempre acontecia, a Zazá, normalista e ciosa de seu titulo de sabichona, concertava as cincas e os cochilos que as phrases dos paes e dos manos perpetravam, por serem todos de poucas letras e muito raras luzes...

A' hora combinada, a busina do auto soôu, naquelle tom caracteristico de coqueluche com gósma, annunciando o momento solemne. Simeão, com toda a sua gente, foi vêr o carro, da janella. Era lindo! Um *landaulet* com o *chauffeur* em grande gala e lotação para cinco pessoas. O amphitrião coçou a cabeça: caberiam todos no vehiculo? Zuzú, o pimpolho, receioso de ser sacrificado e condemnado a ficar em casa com a mucama, agarrou-se, quasi choroso, á mamãe:

—Tambem vou no automovel?

—Se *caber* no carro, observou a matrona.

Zazá acudiu logo com a sua sciencia:

— Mamãe, não se diz *caber*, é *couber*.

O pae, desejoso de contentar a todos, rompeu:

— Ha de *couber*!... Ora essa! Porque não ha de *couber?*

Zazá voltou-se depressa para o pae:

— Não é *couber*, papae, é *caber*.

— Máu! Máu! Você gosta de atrapalhar tudo com essa historia de grammatica! Em que ficamos? Para sua mãe é *couber*

e para mim é *caber*... Francamente, isso é um disparate...

E, antes que a filha explicasse, bateu na testa, como André Chenier antes de perder

a sua, e como se tivesse apanhado um lampejo inspirador:

— Ah! já sei!... *Couber* é feminino e *caber* é masculino...

A gentil senhorinha Marianna Salles Filho e o tenente Sylvio Motta no dia do seu auspicioso enlace.

## Os automoveis que ha no mundo

*A abertura do Salão do Automovel, em Paris, tornou a pôr em fóco a questão do numero de carros que circulam nos diversos paizes.*

*Segundo as estatisticas norte-americanas ultimamente publicadas, o Continente Americano — comprehendidas as tres Americas, do Norte, do Centro e do Sul — contava em 1 de Janeiro de 1918 com 24.800.000 automoveis, contra 23.400.000 em 1 de Janeiro de 1927, isto é: houve um augmento de 1.400.000 carros.*

*Na Europa, em 1 de Janeiro de 1928, circulavam 3.600.000, contra 3.100.000 na mesma data do anno anterior. Houve o accrescimo de meio milhão.*

*Australia — 600.000 contra 500.000; Asia — 200.000 contra 300.000; Africa — 230.000 contra 190.000.*

*Os 24.800.000 automoveis da America estão assim distribuidos: carros de turismo, 21.500.000; caminhões, 3.100.000; omnibus, 80.000; motocyclettas, 120.000.*

*Eis, em detalhes, as cifras européas: 2.300.000 carros de turismo, 900.000 caminhões, 110.000 omnibus e 290.000 motocyclettas.*

*E' de notar a grande proporção de omnibus que ha na Europa em relação ao numero de carros particulares.*

*Tambem salta aos olhos a enorme differença que ha entre as cifras correspondentes ás motocyclettas. Isso é devido, sem duvida, ao facto de haver nos Estados Unidos carros de turismo mais baratos do que as motos.*

## AS ARCHEIRAS DE CINCINNATI

A universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos) possue uma curiosa instituição sportiva feminina, o *Archery Club*, constituido por numerosas enthusiastas do arco.

Embora não estejam ha muito tempo praticando no tiro de arco, porque a adopção desse sport pelas moças norte-americanas é de data recente, as estudantes-archeiras de Cincinnati poderiam rivalizar na precisão da pontaria com o proprio Guilherme Tell.

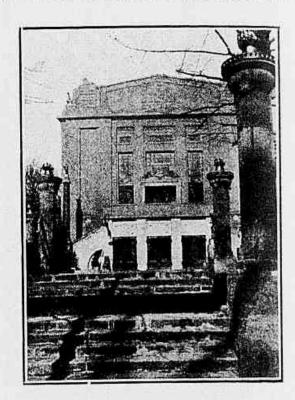
Que o diga a gravura que aqui está. Nella apparece, encostada no grande disco de cortiça que serve de alvo ás archeiras, a sua presidente e instructora, miss Alice Kern. O seu sorriso calmo indica a absoluta confiança da bella mulher na pericia das suas alumnas, que vão desenhando com as flechas o contorno da heroica companheira.

E' claro que ha a possibilidade de ser essa original *pose* apenas um *truc* photographico. Mas vale mais admittil-a como uma prova soberba da habilidade prodigiosa a que chegaram no manejo do arco as escolares da Universidade de Cincinnati.

## O NOVO PALACIO DA DANSA, EM BERLIM

A crescente voga que vem tendo a dansa na sociedade moderna estimulou as iniciativas de uns tantos grandes industriaes de Berlim, levando-os á construcção de um sumptuoso edificio em que se renda permanente culto a Terpsychore. O *Palacio da Dansa*, que se vê na gravura, acha-se situado em *Fasanenstrasse*, tendo sido officialmente inaugurado ha bem pouco tempo. Tanto pelas dimensões do seu salão de dansa como pela riqueza da decoração, póde ser considerado como um dos mais soberbos salões de espectaculo da Europa.

Custou o edificio dois milhões e meio de marcos, ouro; e outro tanto, approximadamente, as installações.

O que ha de mais curioso no *Palacio da Dansa* de Berlim é que funccionam

constantemente em seus diversos departamentos varias orchestras que, naturalmente, se renovam de tres em tres horas, permittindo aos dansarinos a possibilidade de bater diariamente todos os *records* de resistencia coreographica.

un nouveau parfum
de Caron
Paris
les
Pois de Senteur
de
chez
moi
Les Pois de Senteur de Chez MOI Caron

# Cronica de Paris

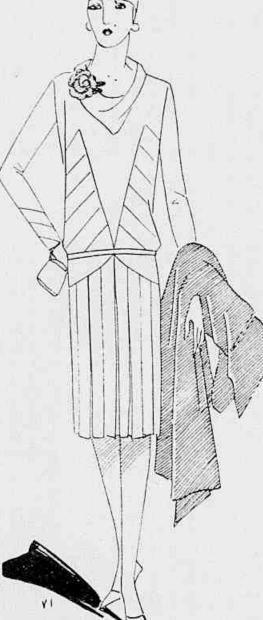
Podeis mandar fazer um vestido de setim preto, muito simples, apezar do seu decote redondo, mais accentuado na frente do que atrás. Ao hombro direito, preso, um pedaço da mesma fazenda, cortado em fórma de asa, dará certa graça á silhueta. Dois "volants" envolventes, que cáiam para o lado esquerdo, um cinto e um "jabot" egualmente de setim e egualmente mantidos por uma fivella de perolas finas completarão este vestido, que é muito chic e cheio de distincção.

Com os vestidos de setim preto devem-se usar sapatos de setim preto tambem. Mas com os vestidos de rendas, de tulle ou de velludo é mais na moda usar sapatos de "crêpe marocain" ou de "crêpe de Chine". Uma simples tirinha de couro prateado ou dourado, ou então feita com um setim de côr, adornará os sapatos.

Muito confortavel e de bonita linha será uma capa de velludo preto, forrada de setim cinzento, a golla fazendo uma ponta sobre a espadua, os punhos muito altos, quasi chegando á altura dos cotovelos, e em forma de funil. Na parte inferior da capa, tres grandes incrustações de "petit gris" em forma de triangulo e tres nervuras com o mesmo desenho.

O chapéo tambem de velludo preto, uma *calotte* sem nenhum enfeite, e com uma asa escondendo o lado direito do rosto, ao passo que o outro lado fica descoberto. Numa cabecinha loura, de cabellos aos cachos, é de muito effeito uma touca inteiramente feita com petalas de velludo preto.

*

As bolsas devem estar sempre em harmonia com os vestidos que acompanham: com os "tailleurs" e os vestidos de sport, as bolsas serão de couro de porco, de lagarto, de crocodilo, ou então de couro colorido, segundo o tom do vestido, e providas de um fecho Eclair, que são esses engenhosos fechos arti-

Vestido de crêpe vermelho, trabalhado a recortes e prégas. A golla em ponta prende-se do lado sob uma flôr de crêpe mais escuro.

Chapéo de *sisol* beige, guarnecido com fita de setim preto, *cirée*.

Vestido de lamé de prata, trabalhado de pequenos alamares na golla e cintura. Babado de *chantilly* preto corta a saia.

Cloche de bengale, azul marinho; fita de *faille tourterelle* e rosa.

Conjuncto — vestido e jaqueta — cujas barras são em fórma, de crêpe setim de dois tons beige.

calados como vertebras de metal, que se abrem ou se fecham com uma alça correndo pelo meio das vertebras. Para os conjunctos de tarde se usam d'essas grandes carteiras chatas de antilope, com as iniciaes em strass, em onyx, em coral ou em brilhantes. Cada vestido de noite deve ser acompanhado por uma bolsa que recorde um detalhe qualquer da "toilette; mas uma bolsinha finamente trabalhada, bordada de strass ou de perolas finas, póde ir com qualquer traje de noite. Os guarda-chuvas continuam sendo cada vez menores, tanto que já podem ser dissimulados dentro d'esses grandes bolsos que se usam e que só permittem ver, como um enfeite a mais no vestido, o cabo do *guarda-chuvinha*, de "*galuchat*" (pelle de peixe) com côres vivas.

A. d'Enery

Os cabellos usam-se mais longos, e as mechas e anneis são presos por pentes e *barrettes* de fantasia.
1 — Cabellos lisos na frente e revoltos atrás. Em anneis nas extremidades e presos do lado por um pente preto incrustado de nacar.
2 — Cabellos flôres com risca do lado. Anneis em volta do pescoço, presos de cada lado por duas barretas imitação de jade e ornadas de perolas brancas.
3 — Cabelleira lisa com risca no meio. Cabellos annellados na extremidade em anneis chatos presos por pequenos pentes imitação de onyx, formando estrella e ornados de strass.

1 — Vestido de tecido de lã azul, guarnecido de incrustações azul mais escuro. Botões azul escuro, egualmente. 2 — Vestido de setim preto com mantelete em fórma, e na saia incrustações que terminam por godets. Pequena golla e punhos de crêpe branco. 3 — Vestido de crêpe de China preto com incrustações de sentido opposto e saia em fórma, mais longa nas costas.

Bolsa de antilope preto com fecho e monogramma de ouro em circulo. Bolsa de marocain de dois tons de beige. Chale para noite, de crêpe de China preto, com passaro exotico, bordado a tons vivos. Grande franja, toda em volta, de seda preta.
Pulseira de diamantes.
Bracelete *porte-bonheur* composto de tres circulos de ouro ligados por um elephante de marfim.

## O casamento libertador

*Haverá quem pense que existe uma certa contradicção entre essas duas palavras, e entretanto nada mais exacto do que o que encima estas linhas.*

*Por principio, no Sião, as solteiras de certa idade não se preoccupam em crear* imagens. *São, pode-se dizer,* etiquetadas *e fazem parte de uma classe privilegiada posta sob a protecção do Rei, que tem a missão de proporcionar-lhes um marido na primeira occasião que se offerecer.*

*O seu melhodo é de uma deliciosa simplicidade.*

*Um prisioneiro, mesmo sendo um criminoso ou um ladrão, póde obter o perdão e a liberdade casando-se com uma dessas solteironas.*

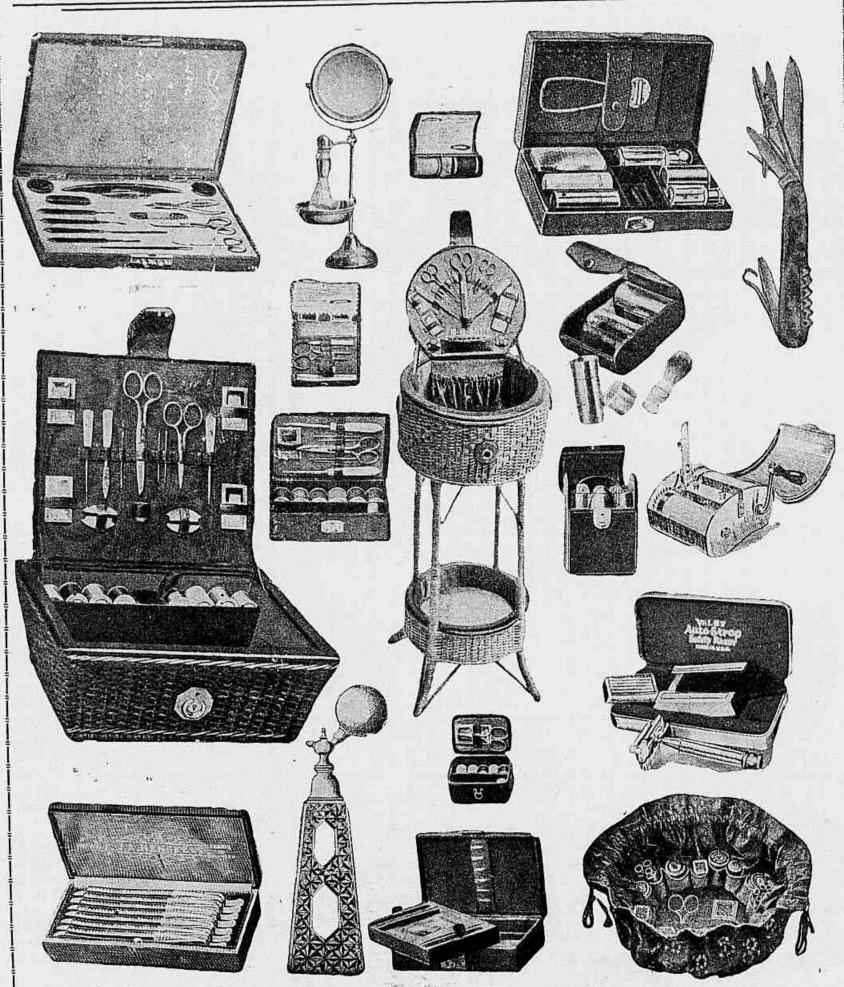
*Dos dois males, o prisioneiro escolhe o que é evidentemente menor e livra-se do outro. E, como naquelle paiz é permittida a polygamia, os reincidentes podem constituir lindas familias...*

**PENSAMENTO**

Deus não tem templo mais augusto que a Natureza nem tabernaculo mais sagrado que o coração do homem.

## Interessa a todos

Já sei que sois um descrente; em todo o caso, convem advertir-vos de que a vossa anemia póde desapparecer em poucos dias. Tendes usado todos os tonicos e nenhum resultado satisfactorio obtivestes. Pois bem, é possivel que a leitura desta noticia tenha como consequencia a vossa cura radical sem gastar muito. Sois syphilitico? Talvez respondereis de prompto que não: em todo caso, é bom reflectir se em alguma época fostes victima da syphilis adquirida e, ainda que assim não seja, convem lembrar a hereditaria. Póde-se mesmo affirmar que metade da geração actual é victima da impureza do sangue, causada pela syphilis hereditaria. Devido á invasão do microbio da syphilis no sangue, dá-se uma grande desordem no tecido sanguineo, o que produz a anemia.

Neste caso está provado que é indispensavel o uso de um medicamento de propriedades especificas: o *Elixir de Inhame*, por exemplo, é o unico até agora empregado e aconselhado pelos melhores medicos, porque reune em sua formula de sabor agradavel, além do principio activo do inhame, elementos capazes de fazerem desapparecer do sangue os microbios da syphilis, spirocheta pallida, causa da anemia. Uma vez desapparecida a causa, cessam os effeitos. Na formula do *Elixir de Inhame* entram o arsenico e o iodo, que restituirão as perdas do organismo e darão o equilibrio, que é a saude — a maior preciosidade de nossa existencia.



Missa em acção de graças pelo restabelecimento da senhora Arminda Machado e senhorinha Alayde Machado, victimas de um accidente de automovel.

## Gastronomia feminina

*Uma revista franceza divulgou que um medico, evidentemente gastronomo e psychologo, acaba de publicar um opusculo em que affirma que os gostos gastronomicos da mulher variam com a sua idade.*

*"A mulher de menos de vinte annos — diz esse doutor — gosta de "entrées",* de champagne, *gelados e* petits-fours.

*Quando tem menos de trinta, appetecem-lhe as ostras, os caranguejos, o* foie-gras, *o borgonha tinto, o café e os cigarros.*

*De menos de quarenta a gallinha, a perdiz, as frutas, e abstem-se dos doces e do pão, afim de conservar-se esbelta.*

*Mas aos cincoenta annos procura recobrar o que perdeu, e as senhoras que passaram dessa idade não fazem luxo diante de uma mesa bem servida. E teem muitissima razão" — accrescenta o doutor gastronomo.*

**PENSAMENTOS**

A bondade não se deve mostrar; mas é preciso que ella se deixe ver.

Não se vive do que se come, mas sómente do que se digere. Isso não só para o corpo como para o espirito.

Sergio Linn — 1928

# Origem do chapéo

## por Hermeto Lima

SEGUNDO todas as probabilidades, o primeiro objecto com que o homem cobriu a cabeça foi a carapuça, feita de pello de animaes.

Os romanos chamavam ás carapuças "galerus" e os gregos "kuné". Usavam-nas os povos do Latium, os habitantes das margens do Tibre, os Esquimáos e os Lapões. A carapuça usada pelos egypcios era chamada "calantica" pelos romanos. Os persas cobriam a cabeça com uma especie de mitra, que passou a ser tambem usada pelos arabes da Asia Menor e pelas mulheres gregas.

Diversos escriptores levam-nos a acreditar que os romanos usavam chapéo; assim, Suetonio conta que Augustus nunca sahia á rua sem chapéo, ao contrario de Cesar, que sempre sahia de cabeça descoberta.

O chapéo mais geralmente usado pelos antigos era o "causia", que os gregos transmittiram aos romanos e que foram imaginados pelos macedonios. Usavam tambem o "pileus", que era uma especie de barrete. Havia delles uma grande variedade: o barrete phrygio, o barrete grego e o barrete do liberto. O "pileus" era usado, especialmente, pelos homens do mar e pelos artistas. Nas festas das Saturnaes, todos o usavam, como demonstração da grande liberdade que nesses dias reinava. Era uma allusão ao "pileus" do liberto.

Quando um escravo era vendido, collocava-se o "pileus" sobre a sua cabeça: isto queria dizer que a sua fidelidade era duvidosa.

Ao lado destas carapuças, que todos podiam usar, havia umas tantas usadas apenas em certas ceremonias.

As mulheres cobriam a cabeça com o véo, tanto as gregas como as romanas. Usavam tambem o "theristrum", o "caliendrum", o "reticulum."

Mas, seja como fôr, a origem do chapéo é o capuz, que acompanha a capa, que servia para cobrir a cabeça: era uma simples carapuça de velludo, de panno ou de feltro, que se atacava ao pescoço por dois cordões.

No reinado de Luiz XII as carapuças de velludo desappareceram em absoluto e começou então o uso do chapéo, pontudo e ornado duma plumagem.

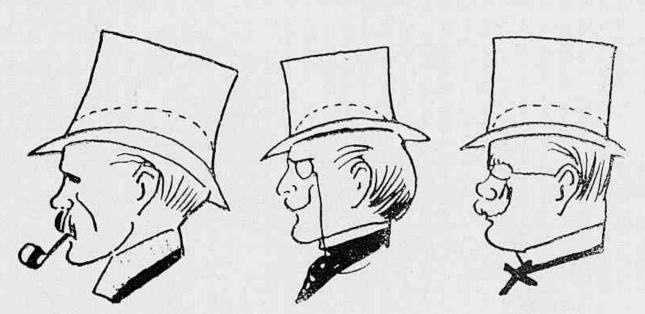
Francisco I, adoptando a cabelleira, poz tambem em moda o uso do chapéo de largas abas, ornado de plumas.

No reinado de Henrique II, desappareceram os chapéos de abas largas e surgiram os chapéos chatos, ornados ainda de pennas.

No reinado de Henrique III, desappareceram os ornamentos dos chapéos e veiu o gorro de velludo.

No fim do seculo XVI, voltou o chapéo de largas abas, adornado de grandes pennachos. Esses chapéo, cujo modelo foi um tanto modificado no reinado de Luiz XIII, era de uma grande riqueza. As pennas chegaram a um preço consideravel. No reinado de Luiz XIV, esses chapéos ganharam ainda em elegancia; mas, sobrevindo a moda das cabelleiras, o chapéo acabou por ser um simples accessorio de toilette. Não era mais trazido na cabeça, mas sim debaixo do braço.

Dest'arte, foi a dimensão do chapéo reduzida á expressão mais simples e, no reinado de Luiz XV, elle não era mais que um pequeno tricornio.

No reinado de Luiz XVI, os soldados francezes iniciaram o uso do chapéo de quatro bicos. Mas a moda não pegou, e voltou de novo o de tres bicos, mas em forma de um triangulo achatado.

Da esquerda para a direita: o inglez usa-o para trás, enterrado quasi até ás orelhas; o francez carrega-o para a frente; o allemão enterra-o na cabeça na recta posição.

O chapéo é o homem.

Após successivas transformações, que seria fatigante estar mencionando, o chapéo tomou a fórma de um tubo, depois de um prato; depois, em 1801, appareceu o chapéo alto ou cartola, como nós chamamos, que por sua vez tem variado ao infinito.

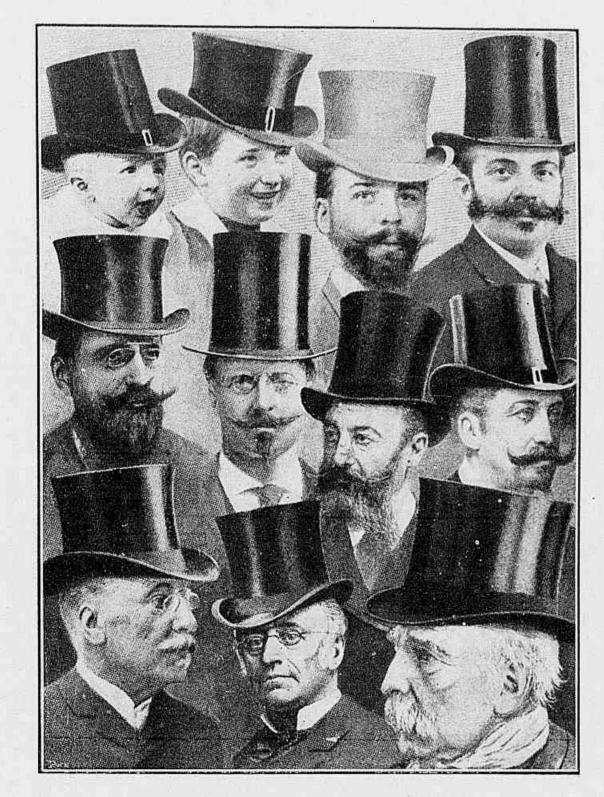
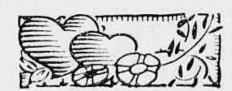
Era esse o chapéo que usavam os nossos avós e os elegantes que brilharam nos salões do nosso primeiro Imperio, depois nos da Regencia e nos da Maioridade, até ao periodo da Abolição.

Excessivamente economico, o chapéo alto tinha a vantagem de dar um ar de distinção e de gravidade áquelles que o traziam.

Usavam-o geralmente as pessôas de classe elevada na sociedade.

Os cocheiros tambem o traziam, mas os destes differençavam-se dos outros por uma especie de tópe, collocado ao lado.

Nasceu o chapéo alto em Florença, na Italia, e não na Inglaterra, como é crença geral. Appareceu alli em 1760, sendo que só em 1825 foi introduzido em Londres, por um inglez de nome John Wilcox.

A principio muito ridicularizado — a tal ponto que o primeiro que o pôz á cabeça foi apedrejado na rua — foi depois acceito com muito agrado, passando em seguida á França, á Allemanha e á Italia.

Vieram depois os chapéos de palha, depois os chamados de Panamá, tomando varias fórmas.

Um observador mostrou que a nacionalidade de um individuo se revela pelo modo como elle colloca o chapéo; assim, o inglez colloca-o para trás, o francez para a frente, o allemão em linha recta.

Ao tempo em que era moda o chapéo alto, havia espalhadas pelo Rio muitas casas incumbidas de o limparem ou de o passarem a ferro.

A rua da Carioca estava cheia dellas.

Depois da quéda de Napoleão, que foi quando o chapéo se multiplicou em variedades, a industria chapeleira se desenvolveu, em varios paizes. Isto para tratarmos somente dos chapéos masculinos, pois femininos, se quizessemos descrever a sua evolução, seria pouco o espaço de que dispomos nesta REVISTA.

*Henrique Lima*

# VISITA A NAPOLEÃO

POR ESCRAGNOLLE DORIA

UMA visita aos Invalidos constitue dever inilludivel para quem anda a saudar maravilhas de Paris.

Entre ellas avulta, em relevo especial, a vetusta casa mandada construir por Luiz XIV, em accesso de carinho, para dar abrigo aos militares inutilizados pela guerra ou pela velhice, a ultima campanha humana.

O asylo dos Invalidos é avistado de varios lados em Paris. Por largo trecho attráe o olhar dos transeuntes da praça da Concordia e dos Campos Elyseos. A cupula do asylo parece corôa suspensa no ar sobre o tumulo de Napoleão.

Este tumulo torna secundarias as cousas principaes do edificio. E quantas encerra! Quantas, em cento e vinte e seis mil metros quadrados: a egreja de São Luiz, o museu do Exercito, dividido em duas vastissimas secções, a de artilharia e a historica. Imagine-se quantos assumptos de estudo no palacio-albergue, capaz de hospedar, de uma só vez, sete mil pensionistas, verdadeiro deposito de glorias, moral e materialmente fallando.

Tudo, porém, chama debalde o espirito do visitante, pede-lhe apreço ou supplicalhe curiosidade. A idéa fixa afasta a attenção, o apreço, a curiosidade. A pergunta do visitante, sobretudo se estrangeiro, ao entrar no pateo de honra do edificio, já lhe arde nos labios: onde está Napoleão? A resposta do guarda, ensinando o caminho, chega fraca e confusa aos ouvidos, tal a pressa dos passos enveredando pelo caminho apontado.

Entra-se pelas costas do edificio para ir ter ao tumulo de Napoleão. A entrada da crypta é por trás do altar-mór da igreja, mas a porta está sempre fechada.

O tumulo tem de ser visto da parte superior da crypta, á qual se chega pela parte posterior do edificio, pelo pateo do Dôme, que deita para a praça Vauban.

A crypta enorme, circular, seis metros de profundidade, contém, desde 1840, os restos daquelle que imitou das aguias o destino inteiro, o nascimento em alcantil, o colossal estirar de azas, a libração suprema nas alturas, o descahir gigantesco no rumor subitamente molle das grandes quédas, a morte num rochedo, abrupto, no meio do oceano, castigado por vendavaes e resacas.

Sobe-se de vagar a escadaria que conduz de manso á parte superior da crypta. Antes de subir, sob enorme chapéo de sol barraca, uma vendedora offerece postaes e bugigangas. E' o cogumello a commerciar á sombra do carvalho.

Num relampago se revive a carreira do raio de guerra napoleonico, aquella existencia inverosimil, fulminea, estonteadora, cheia de degráus talvez para sempre defesos ao passo humano. De subalterno a general, de general a consul, de consul a imperador e rei, de rei a senhor do mundo e arbitro do universo, que série de promoções olympicas no espaço de poucos lustros rapidos, loucos, a insania do genio a ferver na pyrexia da humanidade convulsionada.

Analyse-se friamente a vida do "corso de cabellos escorridos", argamassado pelo destino nos defeitos e qualidades da gente de sua ilha, essa vida cheia de culpas, de erros, de crimes se quizerem, muitos delles filhos das circumstancias, porque lobo acuado sempre se fiou nos dentes, ainda assim o residuo da admiração será immenso.

Melhor fôra de certo para os homens que Napoleão nunca houvesse existido. Existindo viveu como ninguem, individualidade que ainda sombreia a idade contemporanea. Ha occasiões, ao recordar, por exemplo, o duque de Enghien, em que o odiamos profundamente.

A humanidade foi por elle sangrada a largos jorros de sangue, obrigada a continuos jorros de lagrimas. Matar, matar, matar... sadismo fatal em grande escala aos acicates do destino. Mas esse proprio odio traz e trará sempre, nos que o experimentam, mescla de admiração. No joio das maldições se esconde muito mal o espanto.

Por decennios e decennios o nome de Napoleão será sufficiente para encher o seculo XIX. Foi a razão de ser do Segundo Imperio. Mesmo fantasma, Napoleão continuou a distribuir thronos. Morto, deu o throno ao sobrinho, vivo déra a purpura a irmãos.

Eis-nos ao pé da parte superior da crypta. Olhamos, emfim, para baixo da crypta circular de onze metros de diametro, no meio da qual descansa o sarcophago immenso do imperador, feito de um só bloco de porphyro siberiano, com uma côr exquisita, um tanto avermelhada. O chão é de mosaico. Nelle foram atirados, em circulo, quaes bombas extinctas, os nomes de Rivoli, das Pyramides, de Marengo, de Austerlitz, de Iena, de Friedland, de Wagram e da Moskowa.

Igreja dos Invalidos em Paris, onde se acha o tumulo de Napoleão I.

Ao redor da crypta o cinzel de Pradier dispoz doze figuras colossaes. Hercules pede gigantes. De espaço a espaço, entre ellas, seis trophéos com sessenta bandeiras arrebatadas ao inimigo, se inclinam para o sarcophago, cheias de rombos, esfrangalhadas, sem mais tintas. Apenas aqui e alli mostram o matiz mais vivo da côr esvahida ás mãos do tempo.

A impressão é nova, profunda, capaz de levar ao orgão nobre onda de sangue mais rapida que, ao espraiar-se pelo resto do organismo, tinge as faces de calor fugaz.

No jazigo de Napoleão tudo corresponde á divina scentelha que animou o pequeno corpo encerrado num só bloco de porphyro. O tamanho da crypta, a vastidão do resto do monumento e de seus annexos, a proporção desmarcada das estatuas, dos ornatos, a simplicidade vasta do que cerca o jazigo, tudo concorre para lhe augmentar a belleza na admiração do visitante.

Na parte superior da crypta, um de cada lado, dous grandes mausoléus. Quem poderá ter sido posto de guarda ao mestre dos grandes generaes? Quem ousará pôr sombra de memoria sobre a luz da fama de Napoleão? De um lado fica o mausoléu de Turenne, de outro o de Vauban!

O cortejo funebre de Napoleão não pára ahi. Nos angulos superiores, do lado da entrada da crypta, descansam, na augusta tranquillidade que este verbo tem na morte, José Bonaparte, á direita de quem entra, Jeronymo Bonaparte, á esquerda.

José está só numa capella, bem no centro, em sarcophago de marmore preto e branco, esverdeado e alvo na parte inferior, marmore que de tão mosqueado parece pelle de panthera congelada. José Bonaparte, rei da Hespanha. Quanto custou este titulo ao Primeiro Imperio! Que fenda enorme e intapavel abriu no alicerce do poder napoleonico! Que força lhe deu ao desaprumo final!

E tambem quanto custou o titulo de Jeronymo — rei de Westphalia — monarcha de um reino de retalhos territoriaes como se a politica utilizasse a rhinoplastia na face dos povos!

Jeronymo não está só em sua capella mortuaria. Acompanha-o seu filho primogenito, segue-o num sarcophago o coração da esposa, a princeza de Wurtemberg, a corajosa, a sublime, a heroica princeza allemã, que casando com Jeronymo recusou desampararl-o, á voz do proprio pae, fallando pela patria, quando o marido cahiu do throno ao tombo de Waterloo.

O tumulo de Napoleão, visitado aos domingos, sobretudo num domingo de sol, produz impressão solemne, mas alegre até certo ponto. Nos dias festivos, acode ali muita gente. O rumor dos passos, o murmurio das conversas e mórmente o sol, coando-se em luminosa força pelas vidraças, sobretudo pelas amarellas, alheiam do tumulo a attenção e os olhos.

A luz viva esbate as impressões funebres. A vista começa a vaguear, a deterse sobre os grupos nos quaes se destacam os uniformes dos soldados, sobretudo dos infantes de calça encarnada e comprido casaco azul acinzentado.

Muitas familias, muitas crianças, muitas amas de grandes toucas brancas. Dir-se-hiam chapéos de irmãs de caridade aparados.

Um entra e sáe continuo. Um ou outro par de noivos arrasta as pernas na preguiça esperta de quem deseja prolongar o passeio, emquanto a mãe põe bocejos atrás do leque e o pae, a furto, puxa o relogio ou torce a corrente, grilheta do pobre relogio nas prisões do collete.

Deve-se visitar o tumulo de Napoleão em dia de semana, ao cahir da tarde, sózinho, escolhendo dia bem sombrio. Então, sim, a impressão é daquellas que só se apagam quando o cerebro humano começa a desandar para o nada com o desgoverno das pendulas que andam ainda, mas já trocam as horas.

Os passos retumbam pelas vozes do éco.

Do alto da capella a luz se espalha em tons azulinos, peneirada por tristeza invisivel e comtudo presente, estortegante.

A semi-treva vem vindo, debruando os mausoléos circumvisinhos, deixando entrever um nome, aqui, acolá, a espaços, entre luz e sombra, como se enxergam nomes na historia. Turenne, Vauban, José Bonaparte... A meia treva vai cahindo sobre as estatuas de Pradier, que rodeiam o sarcophago napoleonico, em uma das bandeiras esfrangalhadas, rotas qual panno em feridas. Já mal se distinguem as palavras Rivoli, Austerlitz, as Pyramides. Só se destaca, realce fantasmagoricamente macabro, o grande tumulo de porphyro.

Dá-se a volta para ir ter á porta da crypta, na parte inferior, sobre a qual gravaram a verba immortal do testamento de Napoleão: "Desejo que as minhas cinzas repousem nas margens do Sena, no meio desse povo francez, que tanto amei".

A phrase, linda historicamente, tem leve fremito de ironia no preterito perfeito do verbo amar, mas parece ir crescendo, subindo, augmentando, intumescendo na proporção, no talhe, no significado.

De cada lado da entrada da crypta duas estatuas de bronze, enormes, sustentam uma gladio e globo terrestre, a outra sceptro e corôa. Impressionam muito menos, comtudo, do que do lado da igreja dous tumulos vasios. Num se enxerga o nome de Bertrand, o amigo numa dessas horas tremendas em que só se geram inimigos, o companheiro da noite de Santa Helena. No outro tumulo se distingue o nome de Duroc, outro amigo, no crepusculo de 1813, esse Duroc que para a amizade já parece ter no nome inteiro e sobretudo na ultima syllaba a consistencia dos rochedos.

Dahi cumpre voltar de novo á parte superior da crypta. São quatro horas da tarde. O inverno não gosta de dias muito compridos. Os guardas não apreciam tambem os visitantes que se demoram.

Cumpre aproveitar os ultimos minutos.

As chaves estão a tilintar em tempo de valsa nas mãos de cerbero impaciente. Apoiados ainda uma vez á beirada superior da crypta, olhamos. Lá vae o tumulo mergulhando por inteiro na sombra completa. Fóra, defronte de nós, a porta principal se escancara para a praça Vauban e para um canto de céo invernoso, cheio de uma nesga de azul. Além della, porém, estão vindo, de vagar, nuvens em massas plumbeas, desenrolando-se ás tagantadas do vento, formidaveis, compactas, irresistiveis, avançando para a nesga de luz no bruto desdobrar das grandes forças.

Levamos ás pressas a visita ao tumulo de Napoleão, pômos depois o olhar sobre a nesga de azul radioso e percebemos Austerlitz. As nuvens que se adiantam nos fazem comprehender Waterloo...

Escragnolle Doria

O tumulo de Napoleão I

# Herbert Hoover

S. Ex. o sr. Herbert Hoover, presidente eleito dos Estados Unidos da America do Norte, hoje hospede official.
Ladeando o retrato do eminente homem publico, vêem-se os do sr. Curtis, vice-presidente eleito, e da senhora Herbert Hoover, a qual é tambem hospede, neste momento, do Governo do Brasil, na nossa capital.

Ao alto: A espaçosa sala da casa do presidente Herbert Hoover, em Palo Alto.

Ao lado: O gabinete particular do Presidente eleito no seu lar, na California.

A familia do Presidente eleito. A senhora e o sr. Herbert Hoover; o sr. Herbert Hoover Junior e sua senhora, e o sr. Allen Hoover.

O sr. Herbert Hoover — pouco amigo de discursos — fazendo o seu discurso de acceitação.

A casa de residencia do Presidente eleito dos Estados Unidos em Palo Alto, feita no estylo architectonico de Mission-Pueblo.

Ao lado: O sr. Herbert Hoover, entre sua senhora e o vice-presidente eleito num dos momentos da campanha presidencial.

A sala de jantar do lar do presidente Herbert Hoover em Palo Alto.

1 — Herbert Hoover — o da esquerda — aos cinco annos de idade. 2 — Hoover aos treze annos de idade, com seus irmãos. 3 — O presidente Hoover em seus tempos de estudante. 4 — A casa onde nasceu Hoover, em West Branch (Iowa). 5 e 6 — Dois recentes retratos do sr. Hoover.

HERBERT HOOVER, o homem que hoje tem a maxima actualidade universal, nasceu ha cincoenta e quatro annos em uma pequena aldeia situada nos campos do Estado de Iowa.

O nascimento do novo Presidente dos poderosos Estados Unidos teve logar em uma pequena casa de madeira encravada nas escassas terras que, desde o seculo XVIII, eram cultivadas pelos Hoover, agricultores de origem hollandeza.

O pae de Herbert Hoover, ferreiro de officio, morreu quando o filho tinha seis annos, e sua mãe tambem morreu, tres annos mais tarde. Orphão e sem bens, Hoover foi acolhido por um tio e com elle trabalhou no campo. Depois foi para a casa de outro tio, que era medico rural no Estado de Oregon.

Mas o pequeno Herbert não sentia a vocação agraria tradicional em sua familia nem se enthusiamava com a perspectiva de chegar a ser um medico de aldeia.

Roubando horas ao somno, resistindo á fadiga do rude trabalho diario, Hoover estudava durante a noite e conseguiu entrar na Faculdade de Sciencias da nova Universidade de Stanford, na California.

A sua vontade ferrea e a sua extraordinaria capacidade de trabalho fizeram-n'o obter, aos vinte e tres annos, o diploma de engenheiro, e foi enviado por uma sociedade ingleza ás minas de ouro da Australia, onde resolveu problemas technicos que pareciam insoluveis.

Regressando á California, Hoover contrahiu casamento com *miss* Lon Henry, que fôra condiscipula sua na Universidade. Em viagem de nupcias foram os esposos á China, onde durante varios annos Hoover exerceu a sua profissão de engenheiro de minas.

Ahi arrostou com a revolta dos *boxers* e contra elles organizou a defesa de Tientsin.

Trabalhou depois na Mandchuria, Mongolia, Birmania, Russia, Africa do Sul e Alaska, alcançando tal reputação que era conhecido pelo titulo de "medico de minas enfermas". Com a sua fama profissional cresceu a tal ponto a sua fortuna que, aos quarenta annos, quando rebentou a guerra européa, Hoover era já multi-millionario.

A guerra, que o surprehendeu em Londres, iria mudar bruscamente os destinos da sua vida. Nomeado chefe do *comité* norte-americano de soccorros á população civil da Belgica invadida, demonstrou Hoover tal competencia, tal talento organizador que depois do armisticio teve de encarregar-se de soccorrer aos povos da Europa Central, e em 1922 organizou os auxilios aos quinze milhões de russos ameaçados pela fome. Quando em 1927 Hoover foi encarregado de soccorrer as victimas das tragicas inundações do Mississipi, era já chamado na America do Norte, com carinhoso humorismo, "perito em calamidades publicas".

A partir do armisticio, começa a carreira politica de Hoover. A sua entrada no gabinete de Harding foi na qualidade de technico; mas já nas eleições de 1920 se falava delle como possivel candidato democrata.

Apezar disso, filiou-se Hoover ao partido republicano, cujos votos lhe conferiram agora a presidencia da Republica. As longas ausencias do seu paiz, os seus trabalhos, em outras nações, foram um defeito que os *yankees* puros encontraram em Hoover, tido por *extrangeirado*.

Mas precisamente essa ansia de viajar do Presidente foi o que lhe deu conhecimento de todos os problemas da Europa, o que lhe será grandemente util no desempenho da sua alta magistratura.

Hoover, amigo, admirador e successor de Coolidge, é, como este, homem austero, quasi insociavel, desprovido de qualidades oratorias.

Se possivel, dir-se-hia que Hoover é ainda mais calado do que Coolidge.

Hoover desdenha a eloquencia. E a prova está em que na sua campanha eleitoral pronunciou sete vezes menos discursos do que Smith, seu contendor.

As declarações de Herbert Hoover foram apenas leitura de artigos feita com voz monotona, de artigos cheios de cifras tendentes a demonstrar que o partido republicano assegurara a prosperidade dos Estados-Unidos e seria um erro mudar de regimen.

Hoover, continuador da politica de Coolidge, não significa por emquanto transformação alguma na politica norte-americana.

Homem-cifra, homem-formula, scientifico e tenaz, a sua actuação será uma soberba linha recta, continuação da magnifica trajectoria que, como em um conto maravilhoso, levou Herbert Hoover da humilde casinha de madeira onde nasceu aos esplendores da Casa Branca.

# O BAILE INAUGURAL DA SÉDE DO BOTAFOGO F. C.

Quatro aspectos aqui se vêem do baile dado pelo Botafogo F. C. para inauguração da sua linda séde erguida na Praia da Saudade. Por esses aspectos conclue-se do cunho de alta distincção e elegancia que presidiu á encantadora festa do Botafogo, uma das mais selectas e prestigiosas aggremiações da nossa capital.

## BRINQUEDOS DE NATAL

O bazar transbordava. Nas montras atopetadas era a mais desconcertante mistura de objectos heterogeneos e disparatados. Aqui um urso polar acamaradava-se com um negro da Martinica, emquanto horrivel pinto amarello mettia o bico de papelão na pança de estopa de ventrudo polichinello. Rebanhos de carneiros afrontavam sem temor maltas de leões de celluloide que, debalde, ferozmente arreganhavam a dentuça inoffensiva.

Uma frota de arcas de Noé vizinhava, a despeito dos seculos, com a turba movediça dos automoveis de todos os tamanhos. Catadupas de cornetas despenhavam-se de sobre montanhas de tambores e a avalanche dos chocalhos estacava ante o muro denso dos jogos de paciencia. Dependurados do tecto em lustres multicores, os cataventos balouçavam-se, aligeros, sobre o torvelinho immovel das piorras cantadeiras. Uma fila de sanfonas parecia executar, num canto, um maxixe de fantasia e, entre a seára polychroma das petécas, o imprevisto de um parque de aerostatos: as bolas de borracha, de couro ou de pelucia. Uma véla de barco, grega ou latina, roçava pelo bojo luxuoso de um couraçado de mola, emquanto a aza de um aeroplano emmaranhava-se nos arreios do mais classico dos carrinhos de cavallo. Os pianos de cauda não desdenhavam a companhia hygienica dos banheirinhos de lata pintada e, se os trens de cozinha hombreavam com a elegancia dos mobiliarios Luiz XV, não era de espantar que um magote de gatos Felix se houvesse irreverentemente encarapitado no frontão majestoso do templo byzantino de um jogo de construcção.

Todos os exercitos do mundo haviam marcado encontro na infindavel legião das caixas de soldados. E, por todos os lados, por todos os cantos, por todos os escaninhos da loja atravancada, o mundo desconcertante dos bonecos. Desde a boneca de luxo, bêbê francez ou boneca de Lenci que mal se entreavista no aconchego do papel de seda das caixas abertas, até á miuçalha dos cupidinhos de louça rosada, espalhados pelo chão em verdadeiras créches de homenzinhos nús, a multidão das bonecas por tudo avassaladoramente se derramava. Desciam do tecto em estalactites rotativas, despejavam-se ás centenas, umas atrás das outras, das prateleiras sobrecarregadas ou subiam do chão em escaladas de collinas esparramando a sua farandula alucinante sobre os balcões ou collando ás vitrines o rosto inexpressivamente risonho, a olhar sem fim o bulicio movimentado da rua. Um pandemonio em Lilliput, este bazar nas vesperas de Natal. Circulando entre todas aquellas mirabolantes maravilhas uma porção de gente grande, interessada por ellas, curvando-se attenta sobre a sua engenhosidade ou a sua boniteza, uma turba tambem sorridente de paes, perdidos em perplexidades de escolha:

— Levo o cavallo ou a espingarda, que preferirá elle?... A loucinha ou a boneca de panno, ella gosta tanto de bonecas!..."

Os caixeiros atarantados desarticulam-se em prodigios de acrobacia para contentar, sem accidentes, aquella maré crescente de freguezes.

Mil brinquedos diversos passavam no ar, engolfando-se na sepultura provisoria dos embrulhos e, em meio ao zumzum entrecortado de toda essa gente a reclamar rapidez no serviço, a explicar preferencias ou a pedir cousas novas, a voz aborrecida de um gerente:

— Não sei mais que fazer para afastal-os... Se não fico ali, pregado na porta, enxotando-os como moscas, invadem-me a loja...

Foi então que os enxerguei diante da porta. Eram uns sete ou oito. Descalços, maltrapilhos, sujos, legitimos moleques de rua, esses pobres rebutalhos de infancia que, não obstante as ameaças afugentadoras dos caixeiros, se obstinavam em ficar assim, pasmados ás portas do estabelecimento, contemplando soffregamente o vedado thesouro daquelles brinquedos que não teriam, que não podiam ter... Não faziam nada de mal, coitados; talvez apenas difficultassem um pouco o accesso á casa, olhavam apenas. Mas como olhavam!... Com que interesse, com que admiração, com que avidez de cobiça e, ao mesmo tempo, com que resignado desprendimento!...

Era vespera de Natal, comprehendem: outras creanças ricas e felizes—pensavam por certo — outras creanças iam receber uma parte daquellas cousas de magia e de tentação, creanças como elles afinal... Era natural que, pelo menos, quizessem ver como eram feitos os presentes desses ditosos. Era naturalissimo... Todas as creanças deveriam receber brinquedos pelo Natal, todas.

Deveriam... deveriam... Não recebem, porém... são cousas da vida! Tristes cousas, em verdade. Olhar, entretanto, não é prohibido e os garotinhos olhavam num deslumbramento de fascinação. A um gesto mais vigoroso do caixeiro, abandonaram as portas em debandada, refluindo para a vitrine e ahi, encostados ao vidro que tão definitivamente os separava do paraizo de seus desejos, proseguiam em sempre repetidos colloquios:

— Eu queria aquelle cavallo, ali, á esquerda, parece de verdade!

— Eu, aquelles soldadinhos.

— Eu, o trem de ferro.

— Pois eu, havia de sê o automovel grande !

E um pequenino, de um louro empoeirado, seis annos no maximo, voltando para mim a carita sardenta, confessou, os olhos brilhantes de vontade:

— Eu, não... Eu queria aquella bolinha, tá vendo ? — e apontava uma bola cinzenta do tamanho de uma ameixa — aquella lá... Mas custa muito caro... ih! se custa!... quinhento réis!..." — rematou num suspiro profundo.

Maria Eugenia Celso.

# Creanças ! Natal !

A quadra é sua. São os seus dias que vão correr, dias de sonhos, dias de esperanças, da unica esperança, tavez, que ainda ha no mundo: a esperança da infancia.

Se as creanças pudessem ter uma visão maior; se pudessem, como nós outros, sentir o valor da experiencia, não poderiam ter permittido aquella divina concepção dos versos de Luiz Murat:

> "Pois haverá cousa melhor do que essa
> Que é se viver sem se saber que vive?"

Ellas, porém, são todas dessa santa ingenuidade que os corações dos scepticos acalma, no dizer do mesmo poeta glorioso das *Ondas*. São todas ellas as mesmas almas ingenuas e bôas, cheias de uma infinita credulidade, de olhos fechados para a confiança, de olhos abertos para o sonho. Confiam cégamente, sonham doidamente... E o seu sonho maior, o mais luminoso de todos é o do Natal.

Sonham as que pódem e as que não pódem. Até os pobrezinhos cuidam que tudo é possivel, mesmo o sorriso da Fortuna que nunca lhes sorriu.

Os dias vão passando, e ellas ficam numa ansiedade indizivel, num incontido açodamento, loucas por que chegue a noite mais divina de todas, o Natal, que em centenas e centenas de annos sempre tem sido a mais risonha e radiosa das esperanças.

As gerações de agora não teem mais a mesma ingenuidade das de outr'ora. Já se lhes tirou um pouco dessas roseas illusões que lhes illuminavam as cabecitas douradas. Mas ainda lhes resta muito! Ainda fica a ansia do Natal, a esperança alvoroçada do Natal! Ainda existem os seus dias de espera, a sua grande noite de soffreguidão, o seu nervoso amanhecer, a sua alegria de encontrar, a sua decepção de nada vêr.

Para umas, a orgia dos brinquedos sempre caros, denotando o superfluo; para outras, o nada, o indice da escassez, a pobreza.

Menino Jesus! O' tu, que tanto pódes! Enche de luzes e de brinquedos as arvores do Natal e os sapatinhos vazios das creanças ingenuas que ainda teem a divina illusão do Papá Noel...

1 — Célia, filha do sr. Edgar Proença e d. Celina de Paiva Proença (Pará). 2 — Neidinha, filha do sr. João de Almeida e d. Maria de Almeida. 3 — Maria Helena, filha do cap. Diogenes Dias dos Santos. 4 — Aluysio, filho do sr. Bernardo Czerllzky e d. Maria Ludovig. 5 — Leda e Djalma, filhos do sr. Djalma Boechat (Carangola). 6 — Fernanda, filha do escriptor Raul de Azevedo e d. Camelia Cruz de Azevedo (Manáos). 7 — Luiz Alvaro, filho do sr. Alvaro Loureiro e d. Helena Dias Loureiro. 8 — José Manoel, filho do major José Costa (Vianna do Castello — Portugal). 9 — Marco, Annita, Isaac e Esfira, filhos do sr. Adolpho Jaimovich e d. Olga Jaimovich. 10 — Albertin, filho do sr. Joaquim Sanz (Livramento — Rio G. do Sul). 11 — Isaurinha, filha do sr. I. Pereira (Peçanha — Minas. 12 — José Luiz, filho do sr. Joaquim Sanz. 13 — Armandinho, filho do sr. Armando d'Almeida. 14 — Ayda, filha do sr. José Penha Aragão e d. Maria Martins Penha. 15 — Carlinhos, filho do sr. Joaquim Sanz. 16 — Eduardo, filho do sr. Antonio Penna. 17 — Waldinho, filho do sr. Wadolmiro Rocha e d. Isa Rocha. 18 e 19 — Lizette e Marilia de Dirceu, filhas do sr. Dirceu Antunes Camargo. 20 e 21 — João Baptista e Icléa, filhos do sr. Benedicto da Silva.

# A Noite de Natal

por Jacy Belem

A noite de Natal, outr'ora, no Rio de Janeiro, era uma noite de familia, de ajuntar parentes.

Quem não os possuia mais, por ausencias, temporarias ou definitivas, da patria ou da terra, buscava lar amigo onde pudesse ter a illusão de lar, pedindo a outros o bem perdido.

A noite de Natal assim, se não morreu ainda, deve estar a portas de agonia. O modo de viver é outro, o santo é cuidar de si o mais possivel, a senha reunir-se o menos possivel.

Os chamados laços de familia, se não desappareceram, bambeiam. O cinema é a casa de todos. Ahi se entra sem que a bilheteira, ás vezes se besuntando de *rouge*, levante siquer os olhos ao dar o troco. Quem não formou lar vae para o cinema, nas grandes datas humanas, e quem o possue segue o exemplo.

O sentimentalismo de outr'ora é mettido á bulha. A aridez dos desertos passa para os corações, vaiados os que buscam oasis.

A noite de Natal de outr'ora ajuntava a familia. Era alegria, de grandes e pequenos. Uns se lembravam que pequenos tinham sido. Outros saberiam mais tarde quanto custa ser grande.

Dezembro no Brasil, no Rio de Janeiro, neste tão Brasil, sempre foi mez de esplendor. Nelle vivem o verão, os dias em lacres de sol, as tardes em jogos de luz, as noites cheias de estrellas semeadas n'um campo onde, de vez em quando, a lua arrasta manto de prata.

A noite de Natal, em regiões frias, de céo em eterno desabar sobre a terra, era festejada em lares fechados, em aposento aquecido, em cujo centro a arvore de Natal, verdadeira ou não, vicejava por horas para gaudios infantis.

No Brasil, no Rio de Janeiro, nada d'isso. O calor não consentindo casas fechadas, loucura seria pensar em aposentos aquecidos. Ar por toda a parte, liberdade para todos.

Uma semana antes a arvore de Natal era mimo dos mais velhos, curiosidade dos mais novos.

A arvore devia vir do jardim ou da loja de brinquedos. No jardim predestinava-se a arvore cujo transplantar preoccupara, com o jardineiro, a casa inteira.

Mas nem todas as arvores vinham de jardim a sala de visitas. Muitas atravessavam mares, exportadas das feiras de Nuremberg, para as lojas de brinquedos, sem necessidade de réga ou póda, sempre verdezinhas, plantadas em caixas de onde a terra se ausentava.

Supportavam a escuridão e a falta de ar dos porões de navios; desembarcavam aos tombos dos transportes; surgiam nas lojas de brinquedos á espera da noite de Natal, ostentando entre as folhagens o fruto de presentes destinados a pequerruchos.

No teve por indigno descrevel-os Raul Pompeia n'um conto do Natal, *Durante a Noute*...

Na arvore de Natal do heróe do conto, Carlito, balouçavam-se "os elephantes pendurados pelo lombo, os moinhos de vento, os pastores balançando-se á brisa das janellas, os boizinhos, as estrellas de papel, os bonecos, os soldados amarrados pelo pennacho das barretinas, doces presos por lacinhos de fita".

Isso sem fallar nas velas, nas pequeninas velas de cêra multicolores. Deviam, mal o dia sahisse e a noute entrasse, illuminar a arvore de Natal. Admiravam-a pequeninos até cahirem de somno, nos braços maternos ou da ama, a boneca na mãozinha crispada, um lambusar de chocolate na boquinha babada na ultima gulodice.

Natal! Natal!

Meia-noite, repicam sinos em templos illuminados, o orgão despede vozes. Entra a missa tradicional, a missa do Gallo, em honra do que Deus mandou á terra como a filho e continuador de sua misericordia.

No velho Rio de Janeiro renova-se a noite de Natal, apontados os ricos no traje, os pobres vestindo-se melhor, em faceirices de humildade.

Não faltam templos onde se possa ouvir a missa do Gallo, espremido o povaréo tanto em a nave do convento da Ajuda como na Capella Imperial, com maior bojo para multidões.

Levada a alma ao alto, o corpo pedia attenção e qual o seu melhor procurador? O estomago que, com fome, chega a dar horas.

Fechados os templos, adormecidas as crianças, a arvore de Natal brilhando solitaria na sala nobre, já despida de presentes, já só folhagens, a grande noite não terminava.

Encerrava-a a ceia de familia, entre risos e gracejos, na extensa mesa sobre cuja toalha, alva e bordada, cada comer esperava sua vez de vinho.

A doceira brasileira reinava n'essa noite, excitando a gula entre os peccados mortaes, trazendo da cozinha e do forno tudo quanto podia encher a bocca d'agua.

Os pratos principaes da noite eram as rabanadas, em largas fatias de pão amorenadas pela fartura da canella.

Acompanhavam-as as nozes cuja casca rugosa e dura cahia vencida entre os dentes do quebra-noz antes que o fructo fosse ao trincar humano.

A Virgem e o Menino. (Quadro de Rubens — 1615 — existente em Munich).

Menos rijas, menos difficeis de vencer, as avelãs em miniatura de nozes, acompanhando as amendoas na redondez dos pratos.

Em contraste figuravam na mesa, juncada de petalas de rosa, os figos e as passas sempre dispostas a melarem, crystalisando assucar para os primeiros contactos da saliva.

A' menor pressão de dedos abriam-se as castanhas, como que concentrando farinha.

A esses elementos classicos da consoada, importados do estrangeiro, de terras de Hespanha ou de Portugal, a doceira brasileira, azafamada no Natal, sabia ajuntar nativismo de forno e fogão.

Dizia outr'ora uma doceira não haver ninguem n'este mundo que não gostasse de comer bons doces, fazel-os, oh! — exclamava a doceira — isso é caso diverso, toca a poucos.

Por cuidados de doceira na noite de Natal apresentava a mesa tudo aquillo em que o assucar reina: o arroz doce; a baba de moça, os bem-casados, os suspiros dentro de cujo alvor se esconde o verde do limão ralado; os toucinhos do céo, reunindo em o nome cousas tão pouco approximaveis, porco e altura.

Nem todas os lares, para o seu Natal dispunham de doceiras. Mas que não pode a gulodice servida pelo dinheiro?

Nem todas as donas de casa eram doceiras, muitas por mais que se esforçassem. Melar a bocca do proximo não é para os beiços de qualquer.

Quem não tinha queda para fazer doces recorria a prestimos alheios, e o Rio de Janeiro antigo sempre arregimentou doceiras eximias no campo de batalha da gulodice.

Entre ellas se contaram as freiras da Ajuda, naturalmente por suas serviçaes, entre os muros do convento ora substituido pelo bairro dos cinemas na Avenida Rio Branco.

Da portaria do convento sahia para as mesas da noite de Natal muito doce fino, de fama na cidade, assim os pasteis de Santa Clara. Esta não se podia offender uma vez que tambem iam a paladar bolos de Santa Thereza.

Vivem hoje retiradas, n'um só de Villa Isabel, as freiras outr'ora da Ajuda; mas ainda ha n'esta cidade quem se lembre da doçaria que transpoz as portas do convento proximo ao Passeio Publico, aquelle demolido, este em via de sumiço, ostentando no centro um portão colonial como se fosse admissivel a ratice de um porta-chapéus no meio da sala de jantar. Portão parece pedir rua.

Não eram, porém, as freiras da Ajuda as unicas fornecedoras de doces para as ceias de Natal. Muitas familias viviam de tal industria na cidade, sem mãos a medir nas epocas das grandes festas qual a de Dezembro.

A's doceiras, no Natal e no fervor das encommendas, ajudavam os funileiros fabricando saca-bocados para a imitação de flôres, frutos, pyramides e outros objectos feitos de assucar.

Pompeiavam nas mesas da noite de Natal, apresentando aves, peixes, legumes, até bustos de personagens.

Tudo isso desappareceu. Hoje modos e modas são outros. Mas, numa noite de Natal, Machado de Assis já se perguntava se quem tinha mudado era o Natal ou elle...

# A inauguração da pista do Forte do Vigia

1 — Os officiaes que tomaram parte no concurso hippico com que foi inaugurada a pista do Forte do Vigia. 2 e 3 — Saltos de varas. 4 — Salto de barricas. 5 — Um bello instantaneo de salto. 6 — Salto de barreira. 7 — Salto de vara triplice. 8 — Salto de vara quadrupla. 9 — Assistencia ás provas hippicas.

# A surpreza do Natal

NATAL! A palavra canta na estridencia da vogal, brada na alegria do som, estala nos nossos ouvidos como se ainda conservasse na sua acustica tão sonora um grito de clarim de um archanjo, nas cumiadas do céo.

Natal! Gritam alviçareiramente as creanças batendo as mãozinhas brancas, sapateando de contentamento, á espera que o bom velhinho de longas barbas côr de neve as surprehenda com uma boneca de Leipzig ou um tremzinho de ferro. Natal! Dizem os velhos com a serena satisfação dos vôvôs, cujo parentesco com Papae Natal é tão grande que muitas vezes os netinhos os confundem na mesma generosa figura de proprietario de fabricas de brinquedos...

Natal! Exclamam todos, esquecendo por momentos a realidade aterradora da vida e consentindo que a imaginação permitta, na mais ingenua das phantasias, na sombra dos pinheiros, no encanto dos presepes e na scenographia branca da neve, o apparecimento do bom velhinho que, quando o anno vae morrer, nos traz tão opportunamente uma illusão encantadora de vida e mocidade...

Papae Natal não podia esquecer a terra moça, a terra brasileira, que conserva, para o esplendor do mundo, a côr do paraiso — o verde. A terra verde, a terra-creança, mais do que as outras, tem direito á visita do vôvôzinho que vem do céo.

E verde tambem como os altos pinheiros, que se atiram para as alturas numa ponto de exclamação majestoso de belleza, a nossa terra sabe preparar-se para a visita admiravel, enfeitando-se, não com as paizagens esborcinadas da Natureza soffredora, tiritante de frio e devastada por avalanches de neve, como o faz o mundo velho, e sim com o colorido mais vivo da terra e a luminosidade mais berrante do céo...

Qual o caminho, porém, que escolheria Papae Natal para chegar á terra que o admira com mais de trinta milhões de netinhos?

O ar? Mas o abençoado velhinho é pesado de mais para ser arrastado pelos espaços louros de estrellas, por uma revoada lyrica de pombas ou por uma galopada épica de Walkyrias.

A terra? Mas Papae Natal não é da terra. Não mora numa furna, como um troglodyta, nem vive barbaramente entre as pedras da montanha, como um celta de longas barbas brancas. Papae Natal só podia vir pelo mar.

E' esse o caminho dos grandes triumphadores, a estrada azul das maiores glorias.

Pelo mar vieram os primeiros creadores de lendas e outras admiraveis mentiras, como Ulysses; os heroicos semeadores de civilização, como os gregos; os arrojados descobridores de novos mundos, como os portuguezes.

Sobre as aguas tem vindo todo mysterio...

# ...eza oceanica ...tal

por Affonso de Carvalho

E sobre ellas andou Jesus, como ensina a Biblia, espalhando o bem e assombrando os Apostolos. Como Jesus, tambem Papae Natal preferiu o mar. E, imprevistamente, surgiu na linda praia do Leblon, emergindo milagrosamente das ondas revoltas

A' primeira vista, a divindade desconhecida parecia ser o proprio Neptuno.

Mas depressa se foi desfazendo o engano. Em logar da figura majestosa e insolente do féro dominador dos mares — uma apparencia de velho patriarchal, todo brandura e generosidade.

Em substituição ao tridente — symbolo arrogante de mando — um cajado velho, despretencioso e simples, providencial arrimo para as longas jornadas. Era Papae Natal.

E' facil imaginar com que alvoroço de alegria foi recebido! Alem do mais trazia ás costas um grande sacco de brinquedos, para uma farta distribuição.

Felizmente não encontrou — como pensam ainda certos extrangeiros — selvagens de arco e flecha, saracoteando na praia como nos tempos de Caramurú...

Toda a areia branca, escurecida aqui e alem por grandes blocos escarpados de pedra, pintalgava-se maravilhosamente com tons differentes do bronzeo dos corpos indigenas e do colorido das tangas e cocares.

Sobre o alvi-roseo das sereias modernas — a polychromia gritante dos "maillots": o vermelho, mais vivo que o urucum; o azul, mais claro que a agua das fontes; a variedade multicôr, maior ainda que as pennas dos papagaios.

Papae Natal repetiu o seu gesto conhecido de uma prodiga distribuição de brinquedos.

Não o escandalizou o semi-nú das alegres banhistas. O que foi aquella hora de bondade e deslumbramento diz melhor a photographia que a palavra.

Orgulhou-se o mar de ser a estrada maravilhosa, ora côr de esmeralda ora côr de turqueza, que serviu para trazer do desconhecido insondavel o deus alegre das creanças.

Ufanou-se igualmente a Guanabara da visita, tão honrosa quanto benefica.

E certamente, numa risada de crystal, o oceano tambem se orgulhou de ver o velho Neptuno resurgido em pleno seculo XX, numa hora de bemaventurança, sem aquella majestade mythologica da sua força, mas com a grandiosidade fartamente compensadora da realeza do Bem, que é apanagio dos deuses e heroes.

# TAÇAS

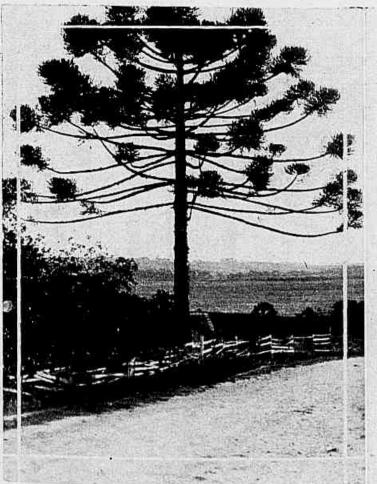
POR

**C**OPAS lavradas por Deus. Pinheiros! Calices monumentaes de Arquerol que recebeis os nectares do céo, para servir de taças nas orgias das Nereidas. Taças Verdes! Pinheiros, sagrados vasos de Torrento que concentraes o licor dos mares, o extracto das selvas e a essencia dos hervaes...

**O**RACULOS que immortilizaes as batalhas da natureza! Assim como Attila enfrentou os mais barbaros combates, tu, como um hercules imponente, tu, pinheiro, resistes á invasão dos cyclones e furacões, quando em impeto brutal pisam as tuas copas, mutilando-as ao golpe mortal do vento.

**P**RIMOROSAS copas que instigaes a que pousem nas vossas bordas os labios, para que bebam as cicutas da morte que produzem o extase eterno da vida. Calices que concentraes os licores diabolicos que se servem nas bacchanaes offertadas pela Natureza aos faunos e ás vestaes! Pinheiros! Eleitos, através de seculos, para o esplendor radioso e alacre das noites do Natal, cobertos de luzes e pejados de brinquedos!

**A**LEXANDRIA e Campania com os seus calices maravilhosos, Pavia e Amiens com as suas taças divinas e os Ptolomeus com os seus vasos sagrados não podem entoar o cantico da victoria como ostentadores das mais grandiosas maravilhas. Precisariam guardar nos seus templos o vaso de Deus, para que possuissem a mais divina joia. Precisariam enthesourar uma "Taça Verde"...

**S**ós! sempre tragicamente sós! Quantas vezes, olhando, mergulhado em mim mesmo, os pinheiros, pensei em que, nos dominios da Natureza, são nobres que, orgulhosos da sua fidalguia, desprezam a convivencia com os arbustos da plebe! Quantas vezes, ao contemplal-os, açoutados pelas tempestades, vi que nem a força titanica dos ventos conseguia vergar a esbelta figura dos pinheiros, emquanto se mostrava tão implacavel com a humildade das matas rasteiras...

# VERDES

## JOSÉ VICENT PAYÁ

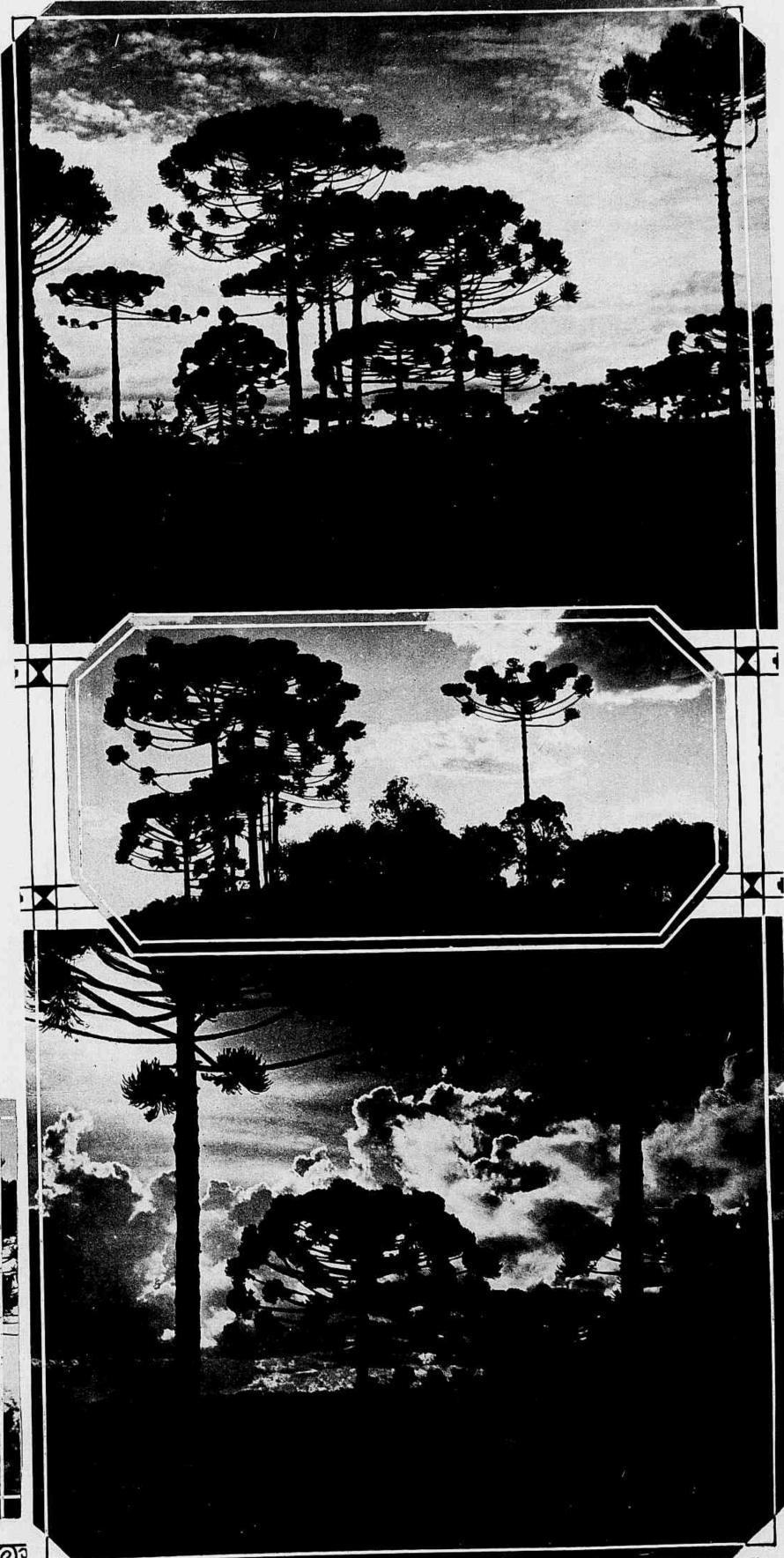
VALENÇA, a cidade dos jasmins, dos nardos e das flôres de laranjeira; Valença, a bella levantina, guarda, no coração da sua cathedral, o mais soberbo dos calices. Mãos de artistas lavraram numa agatha monumental a mais imponente das taças. Valença poderia desafiar o mundo inteiro em bellezas sagradas, se junto do seu maravilhoso calice de agatha guardasse o vaso verde do Paraná, onde mitigam a sêde as deusas dos pinheiraes...

ESMERALDAS crystalinas! Pinheiros! Joias sagradas de Catino que, nas formosas auroras paranaenses, brilhaes como talismans por entre uma constellação de brilhantes polidos pelas mãos de prata do rocio...

RELIQUIAS sagradas da Natureza! Dir-se-hia que na espantosa devastação das forças supremas ficastes como symbolos do poder de Deus. Pinheiros! Soldados millenarios que, erguidos em meio dos campos, sois como sentinellas mudas que velaes o sômno das deusas, adormecidas sobre um leito de plantas exuberantes.

DIVINDADES que tendes como crentes os moradores dos florestas. Os passaros, quando pousam nas vossas copas, dir-se-hia que trinam mais alegres. A lua, quando vos illumina, parece cobrir-vos com uma orvalhada de prata. E' então que vos transformaes nos calices sublimes de Werden, de Tasilo e de Sagunto; é então que, com a vossa majestade, vos egualaes ás soberbas taças de Pedro de Luna e Carlos Magno.

ESPHYNGES dos Campos! Pinheiros, taças de Tericlea! Eu vos vi nas noites amedrontadas pelos relampagos e pelo retumbar dos trovões, recordando em vós os calices usados pelos sacerdotes feiticeiros para a consagração dos philtros que convertem em reptis os profanos das suas barbaras religiões.

SOLITARIOS pinheiros! Brasões do Paraná! Como representaes bem a grandeza e orgulho dessa terra bemdita que, como vós outros, tem os olhos postos no céo, como se buscasse no infinito a figura majestosa de Deus. Pinheiros! Quem poderia ter a omnipotencia de reduzir-vos a uma taça de Chios e beber a essencia da vida, alma a dentro do vosso calice onde mãos divinas engastaram as esmeraldas sagradas de Teios!

ANNIVERSARIOS

*No dia 22* — a senhorinha Ninita Pedro Lago; a sr. Marianna Salles Motta; o notavel industrial Jorge Street; o dr. Frederico Burlamaqui; o brilhante jornalista Leonidas de Rezende; o deputado Raul Sá.

*No dia 23* — as senhorinhas Stella de Oliveira, Zizinha Thedim Costa, Sophia Gomes de Castro, Armanda Ribeiro, Maria Trouchot, Beatriz Gonçalves Ferreira e Lucia Ribeiro; o coronel Francisco Leal; o commandante Alvim Pessôa; o jornalista Victor Viana; o coronel Mattoso Maia Forte; o professor Pinheiro Guimarães, da Faculdade de Medicina.

*No dia 24* — a senhora Maria Nobre Caldas Barretto; as senhorinhas Gonçalves Tinoco e Mary Rudge; os drs. Olegario Bernardes e Souza Carvalho; o senador marechal Pereira Lobo, ex-presidente de Sergipe.

*No dia 25*—as senhorinhas Dilah Teixeira Soares, Sylvia Baptista Cardoso; o general Portilho Bentes, os drs. Ubaldino de Assis, Julio da Silveira Lobo, Olympio Gonçalves e Jayme de Vasconcellos; o escriptor e jurista ministro Pinto da Rocha; os drs. Tavares de Lyra e Affonso Penna Junior, ex-ministros de Estado.

*No dia 26*—senhoras Tavares de Souza e Frederico Eiras; a senhorinha Eponina Cerqueira de Fuentes; o capitão de fragata Henrique Aristides Guilhem; o dr. Eduardo Figueiredo; o sr. José Antonio Coxito Granado.

*No dia 27*—a sra. viuva Alice Pinheiro; o dr. Francisco Eiras; os srs. Vicente Granado, Armando Mangia, Joaquim da Cunha Ribas.

*No dia 28*—as sras. Deolinda Burlamaqui, Risoleta Calazans e Nadir Carneiro da Silva; as senhorinhas Marina Ferdinando Costa, Nadir Niemeyer e Judith Rudge; o jornalista Luiz Barbosa; o deputado Aristarcho Lopes; o commendador Pereira da Cunha; o dr. Raul Magalhães; o Marquez de Diniz, nosso prezado companheiro.

NOIVADOS

— a senhorinha Alice Heloisa Ricardo e o tenente Edgard do Valle Pereira;

— a senhorinha Coryntha Campos Luz e o sr. José da Silva;

— a senhorinha Hilda Campos Luz e o sr. Alix da Costa Anglada;

— a senhorinha Maria de Lourdes Carneiro da Silva e o sr. Aureliano Alves Miranda;

— a senhorinha Cecilia Rodriguez Gomes e o sr. Ernesto Vieira Rodrigues.

CASAMENTOS

— a senhorinha Luiza Gillet da Silva e o jornalista Julio Barata;

— a senhorinha Clotilde Fernandes e o dr. Luiz F. Gomes;

— a senhorinha Marianna Agostin Alvim e o sr. João Sampaio Brandão;

— a senhorinha Sylvia Lopes e o sr. José dos S. Pereira;

— a senhorinha Dolores Castro Bandeira de Mello e o sr. Carlos Pinheiro Valle;

— a senhorinha Myrian Accioli Antunes e o sr. Manoel Gusmão Filho;

— a senhorinha Gilda Accioli Rabello e o dr. Lauro de Sá e Silva.

*

Realiza-se hoje o enlace matrimonial da gentil senhorinha Zuleika Reis com o sr. José Vicent Payá, escriptor e jornalista espanhol, nosso collaborador. Paranympharão os actos civil e religioso, pelo noivo, o dr. Henrique Roxo e senhora e o commandante Muller dos Reis e senhora, e pela noiva o dr. Augusto Belford Roxo e senhora e o dr. Alvaro Accioli de Brito e senhora.

MUSICA

Com o salão nobre do Instituto Nacional de Musica regorgitante realizou, segunda-feira ultima, o seu notavel recital de piano a senhora Emiliana de Zubeldia. O programma apresentado pela brilhante artista foi dos mais felizes e suggestivos, não lhe tendo faltado as palmas enthusiasticas e vibrantes a que fez jús.

—

Para a proxima quarta-feira está marcado o recital do sr. Manoel Raposo.

O distincto cantor, que já se fizera ouvir pelo nosso publico com muito agrado, terá certamente mais uma vez o salão do Instituto Nacional de Musica cheio de admiradores que lhe irão levar os seus applausos.

—

Foi brilhantissima a audição de alumnos que a professora Roxy King Shaw proporcionou ao nosso mundo elegante, sabbado ultimo.

A encantadora hora de musica teve logar na séde do curso da senhora Shaw, á tarde. Tomaram parte nesta audição os seguintes alumnos: Armanda Ribeiro Qualano, Germana Mallet de Lucena, Dinah Vianna, Yolanda Laport Machado, Adail Alecrim; senhorinhas Adelaide da Silveira Mello, Franzy Marcondes Portugal, Cenyra Aulino, Mariasinha Correia, Tutele Reisen, Jesy Barbosa, Dora Soares dos Santos, Sylvia Ribeiro, Odette Montenegro Serra, Dulce Montenegro Serra, Maria Luiza Betamio Guimarães; srs. Augusto Sá e Demetrio Ribeiro Sobrinho (João Celso).

PRAIA-CLUB

Vae alcançar, sem duvida, grande exito a "Festa da Ventarola", a realizar-se no posto 4, em Copacabana, no dia 30 do corrente, em beneficio da Sociedade de Assistencia aos Lazaros e contra a Lepra, sob o patrocinio do Praia-Club, de tão alto prestigio no bairro.

A "Festa da Ventarola" vae constituir uma novidade, dados os elementos que estão á sua frente, como o club que a prestigia. Além da venda de ventarolas em beneficio dos leprosos do Rio de Janeiro, venda feita por senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade, haverá ainda um chá no Praia Club, servido pelas poetisas e escriptores de maior renome entre nós. Durante o chá, far-se-hão ouvir cantores e musicistas e declamadoras conhecidas. Ao longo da praia, além das barracas em que serão vendidos sorvetes, cigarros, flores e brinquedos, haverá um tablado para artistas dos nossos theatros.

Bandas de musica e de clarins abrilhantarão a "Tarde da Ventarola".

EM BENEFICIO

No America F. Club realizou-se, domingo ultimo, um chá dansante em favor do Hospital Infantil.

Transcorreu essa reunião muito elegante e a concorrencia, embora não fosse muito grande, foi realmente muito selecta.

OS QUE VIAJAM

*Deixaram o Rio:* — o violinista patricio Celio Nogueira, que vae á Europa dar uma serie de concertos e aperfeiçoar os seus estudos; o professor Alfred Agache, que foi a Paris; o dr. Oscar Lyra, para Parahyba do Norte; o dr. Theotonio de Santa Cruz Oliveira, que regressou a Recife; o deputado Simões Filho, para a Bahia.

*Chegaram ao Rio:* — o dr. Walter Schuck, que regressa de sua viagem á Europa; o sr. Sylvio Farrula, que regressa da Europa; o coronel Augusto Tavares e familia, procedentes de Minas Geraes; o deputado Dejard de Mendonça; o sr. Raul Senra, que vem da Bahia; o major Lindolpho Costa, procedente de Curityba; o dr. Fileto Ramos, vindo de Matto Grosso; o sr. Eduardo Seixas Duarte, que voltou de Santa Catharina.

VERANISTAS

*Para Petropolis:* — o dr. Armindo Rangel, o dr. Eduardo Salamonde e familia, dr. Raul Veiga e familia; dr. Gabriel de Andrade Botelho e familia; dr. Gastão Neves, José Manhães, coronel Felicio Paes Ribeiro, commendador Eugenio Gudin, viuva Leitão da Cunha e filha, desembargador Souza Gomes, John Cunning, dr. Abelardo Guimarães, professor Cardoso Fontes, dr. Luiz Vidal, Francisco Rosa, dr. Oswaldo de Oliveira, Luiz Moraes, dr. Leopoldino de Oliveira, dr. Bernardino de Almeida, Adrien Delpech, Raphael de Souza, Alfredo Chaves, dr. Joaquim Delamare.

*De Poços de Caldas:* — o industrial Alexandre de Paula Martins.

HORAS DE ARTE

Uma linda hora de arte teve logar quinta-feira ultima, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica. Foi esse recital o da graciosa senhorinha Olga Praguer, que se fez ouvir num lindo programma de modinhas ao violão.

O formoso recital realizou-se á noite e o salão do Instituto encheu-se de gente elegante que ali foi levar seus applausos e muitas flôres á distincta recitalista.

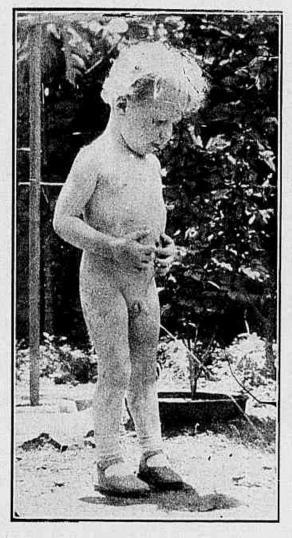
NOITE DE S. SILVESTRE

Lindos e suggestivos *réveillons* já se annunciam para o proximo dia 31. Todos elles nos mais aristocraticos *cercles*, e certamente serão todos deslumbrantes. São elles no Fluminense F. Club, nos Bandeirantes, no Praia Club.

**A recepção do sr. Alberto de Faria na Academia Brasileira** — Ao alto, o novo «immortal» e o academico Helio Lobo, que o recebeu. Em baixo, grupo á porta da Academia, vendo-se ao centro o sr. Washington Luis, presidente da Republica, tendo á esquerda os academicos Alberto de Faria, Helio Lobo e Adelmar Tavares, e á direita o academico Augusto Lima, presidente da Academia; o sr. Octavio Mangabeira, ministro do Exterior, e academicos barão de Ramiz Galvão e Claudio de Souza.

# As crianças, suas artes e suas manhas

POR BERILO NEVES

Maria Helena, filha do dr. Godofredo Schneider e d. Noemia Serrano Schneider; (Villa Velha — Espirito Santo).

Darcy, filho do sr. Octavio Schneider e d. Maria da Penha Schneider (Villa Velha — Espirito Santo).

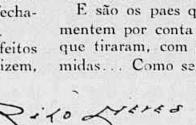
Victor José, filho do nosso companheiro Alberto Lima.

Jorge, filho do sr. José Lyra Filho e d. Georgina Ferreira Lyra.

A criança é o esbôço de um quadro que vae ficando menos bello á medida que os traços se affirmam e que as côres se definem... Ella tem o chromatismo disperso das alvoradas, em que cada tonalidade parece prenunciar um mundo de esperanças, que afinal se confundem na claridade banal dos meios-dias... Não ha nada mais encantador do que uma criança que ainda não sabe que tem de ser, um dia, um homem grave ou uma mulher vaidosa... Tudo está em germen; o egoismo, o orgulho, a bondade, a inveja, a ambição, o despeito, todas as qualidades e todos os vicios que caracterizam o animal a que Linneu baptisou, ironicamente, com o nome pretencioso de *homo sapiens*...

Vêde o seu physico. Os olhos são, em geral, claros e bellos. Teem a limpidez das aguas tranquillas e de pouca profundidade. Ha relampagos de aço brunido no olhar das crianças. A sombra da maldade ou da dissimulação ainda não anoiteceu as suas pupilas. Ellas não teem necessidade de mentir, como os seus pais... Por isso, o olhar das crianças é, sempre, mais ou menos doce e mais ou menos bello...

Os seus braços são bem torneados, as suas mãos rechonchudas e macias. Ainda não trabalharam, as suas mãos!... Teem as faces roseas, porejando sangue... porque ainda não empallideceram de raiva, ou em consequencia do trabalho excessivo para a conquista infernal do pão de cada dia. A sua pelle é tão fina, velludosa que tememos feril-a com as nossas mãos profanadoras e rudes. Ainda não fazem a barba, que é a vegetação triste da idade que chega; não usam crêmes nem carmins como as damas que estragam precocemente a saude e precisam esconder os estigmas dos vicios e dos erros... O carmim é um substitutivo chimico da saúde e... do pudôr. As crianças não precisam corar, porque ainda não comprehendem a Vida... Em torno de si, tudo é alegre e bom. O passaro que canta na gaiola da sala de jantar, o cãozinho que late para lhe fazer medo, o gato que corre atrás de um ratinho côr de rosa, surpreendido ao voltar das suas maleficas excursões á dispensa... Que sabe uma criança do direito de propriedade e das theorias de Proudhon? Evidentemente, nada sabe. Sabe apenas que o gatinho é agil, e que o rato corre mais do que elle... Tudo na sua intelligencia são côres, fórmas e movimentos. Não ha minucias de imagens. Ella não sabe, por exemplo, porque mamã escondeu depressa, no seio, uma carta que estava lendo, quando papá chegou da rua... Que importancia tem um papel para os olhos ingenuos e azues de bébé? A mesma que a correria verginosa do gato atrás do ratinho... Não ha, tambem, interpretações subtis de psychologia. Ella não fica, longas horas, de fronte franzida, a virar e revirar uma phrase, a autopsiar um gesto, a analysar, ao microscopio, a expressão fugitiva de uma face amiga... A procura da Verdade — essa cousa atroz e fugidia que nunca nos pertence de todo, como uma amante esquiva — nunca interrompeu o somno profundo de bébé. E, por isso, jamais algum bébé se queixou da Vida e apostrophou, de punhos fechados, o Destino mysterioso e ingrato...

Ha quem attribúa ás crianças defeitos que só aos adultos pertencem. Dizem, por exemplo, que ellas são muito egoistas e ambiciosas, que tudo desejam para si mesmas, que arrebanham todos os objectos que lhes estão perto, e os levam logo á bôca, numa fome insaciavel do Universo... Affirmam que são manhosas e que fingem estar dormindo para não tomar o remedio amargo que o doutor prescreveu... Que são insinceras e acolhem bem a todo o mundo que lhes estende os braços... Que inventam soffrimentos, para receber beijos e consolos como, por exemplo, quando cáem e logo entram num berreiro desesperado ao presentir proximo alguem que lhes valha e acaricie... Que... e tanta coisa dizem, por ahi, dos bébés como se elles fôssem gente grande!

Tudo isso deriva do ruim vezo que teem os homens de attribuir aos outros os seus proprios defeitos. E' verdade que as crianças apanham tudo o que lhes está ao alcance, mas... á vista dos proprios donos. Não fazem como os homens que opéram nas sombras da noite, e ás escondidas dos legitimos proprietarios... Mas, se tudo querem, as crianças tambem tudo dão com facilidade... Basta a gente pedir, estendendo a mão, mesmo sem grandes discursos convencedores... Entretanto, para forçar um adulto a dar qualquer cousa quanto palavrorio desperdiçado, quanto esforço verbal, quanta humilhação, emfim!... As crianças dão tudo o que teem, sobretudo ás outras crianças. Dão aquillo de que mais precisam como, ás vezes, a chupeta, com que as enganam sob a promessa longinqua do leite... Manhosas... sim, mas que são as ingenuas manhas das crianças comparadas com as de que usam, por exemplo, as mulheres? Quanto artificio, quanta lagrima fingida, quanta doença simulada para não ir ao theatro com o marido, ou para conseguir um par de bichas ou um collar de perolas! Choram quando querem, quanto querem e emquanto querem. Teem ataques, arrancam os cabellos e fingem, até, accessos de loucura passageira...

Afinal, que querem as pobres crianças? Um brinquedo que custa 1$000 e dá 800 réis de lucro ao commerciante que o importou da Allemanha. Choram, outras vezes, porque querem forçal-as a dormir quando não teem somno, ou a comer quando não teem fome e é, ao contrario, alguma cousa que lhes dóe e que não sabem explicar. Mamã, para ir á festa, deseja que bébé durma cedo. Bébé dormiu toda a tarde e reage, justamente, em nome da physiologia. E' caso para bébé levar palmadas? Evidentemente, não. Outras vezes, bébé está com fome e pede a mamadeira. E' um direito natural, o direito de não morrer á fome. Em vez de leite, dão-lhe apenas a chupeta lastreada de assucar, para enganar... Bébé chora, e mal sabe, coitadinho, que a chupeta com assucar é a imagem terrivel dos enganos e ludibrios de que irá soffrer, pela vida afóra, até ao regresso ao outro mundo.

O maior defeito das crianças é, quando já estão maiores, dizer a verdade que se passa em casa. Muita vez, uma palavra sua provoca uma desgraça no lar. Mas que culpa teem ellas de que os adultos precisem, tantas vezes, de mentir? Não nascem sabendo mentir. São os paes que lhes ensinam essa arte diabolica de que ellas tanto necessitarão quando tambem, por sua vez, fôrem maiores...

E são os paes que lhes batem quando mentem por conta de um pouco de dôce que tiraram, com o dedo, no guarda-comidas... Como seriam felizes os homens e as mulheres se todos os seus erros fôssem como os das crianças cheias de artes e viciadas nas manhas!

Maria Helena, filha do sr. Giusfredo Santini e d. Yara Nascimento Santini.

Joaquim, filho do sr. Joaquim Sanz (Livramento — R. G. do Sul).

Lucia, filha do capitão F. Villeroy França e d. Miracy M. França (Raiz da Serra).

Fernando, filho do sr. José Maria Dias e d. Judith Correia Dias (Tres Pontas — Minas Geraes).

# NOTICIAS E COMMENTARIOS

## A gloria do violão

Não ha muito, o violão era um instrumento exclusivamente masculino. As suas cordas, de tanto poder suggestivo e de tão exquisitas sonoridades, vibravam-n'as apenas os dedos nervosos dos homens, principalmente na quadra romantica, que já passou, das serenatas ao luar.

Tempo houve em que o violão era o apanagio dos bohemios, o attributo dos desoccupados, e a sua voz languida e chorosa, se fazia vibrar as almas emotivas, era tambem um triste attestado — com raras excepções — para os que lhe tangiam as cordas.

A senhorinha Olga Praguer que, na noite do dia 20, realizou um lindo recital de canto acompanhado ao violão.

Entretanto, quem negará ao violão essa magia extranha que tem, esse poder immenso de seducção que irradia?

O suggestivo instrumento, entretanto, rehabilita-se. Rehabilita-se, não! Está no auge da gloria! Tangem-n'o, agora, delicados dedos femininos, e dia a dia são em maior numero as gentis tocadoras de violão. O magico instrumento ascende das esquinas illuminadas pelo luar aos salões faiscantes de luzes; passa da serenata romantica de outr'ora aos recitaes femininos de hoje, que a sociedade applaude e exalta.

E' a glorificação social do violão!

Na Radio Sociedade do Rio de Janeiro. O maestro Francisco Braga entre os cantores brasileiros que interpretaram a opera "Jupyra" de sua autoria e libretto do nosso eminente collaborador dr. Escragnolle Doria.

## Marte e a Terra

Parece que mesmo antes de Camillo Flammarion, o poeta da astronomia, haver prégádo a pluralidade dos mundos habitados, já se pensava em que Marte, como a Terra, tinha os seus habitantes.

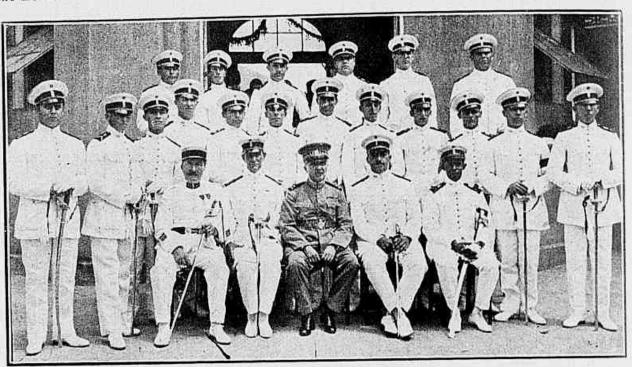
A imaginação passou a dar-lhes fórma e o desenho a positivar essas fórmas em mostrengos de olhos enormes e pernas inacreditaveis.

Julio Verne, com as suas phantasias e previsões, acoroçoou o idealismo dos habitantes da Terra, e nós nos puzemos a architectar todas as conducções possiveis para as viagens interplanetarias. A distancia, porém, é desanimadora...

Correm os tempos e a sciencia, que não pára, suggere, sem que nos aventuremos ás viagens juliovernescas, as communicações com Marte. O radio salvará a situação!

A Terra, representada por meia duzia dos seus bilhões de habitantes, tenta estreitar relações com o planeta de luz radiosa e polychromica... apezar de emprestada...

Fala-se! Fazem-se signaes!

Marte parece ficar impassivel e embora dê signaes de vida não nos manda a vida dos signaes... Por que?

Na Escola de Veterinaria do Exercito, por occasião da entrega de diplomas aos alumnos que concluiram o curso. O sr. ministro da Guerra tem á direita o director da Escola e o director-technico da Missão Francesa, e á esquerda dois professores. De pé, vêem-se os novos dezoito veterinarios.

Que lingua falarão lá?

Ainda não se sabe, e talvez jamais se chegue a saber... Entretanto, não entendemos os marcianos, isto é os marcianos não nos entendem...

O' manes de Goethe! Tudo isso é naturalissimo! Pois, já não era uma verdade aquella affirmação do "Werther"? "Como é difficil entendermo-nos uns aos outros!..."

## O oriente e as modas femininas

O Oriente, como um véo muito doce, envolve, a pouco e pouco, o mundo occidental.

Agora, com a phantasia dos modistos parisienses e americanos, a Asia encontra uma magnifica opportunidade para estender mais o seu influxo sobre os costumes europeus.

Já notaram como as vestes femininas tendem a orientalizar-se? Os motivos japonezes, traços nebulosos que recordam desenhos sagrados do Paiz do Sol, assomam nos tecidos de seda e ameaçam transformar radicalmente a arte da indumentária occidental. Os vestidos que fazem pensar em kimonos envolventes, as saias largas e de fazendas luminosas entram nos dominios da moda sem que talvez os homens do Occidente percebam.

## UM ENTERRO JAPONEZ NO BRASIL

Ceremonial de um enterro japonez na Bahia. Photographia tirada á beira do tumulo, vendo-se a tripulação do grande cargueiro japonez "São Francisco Maru", no cemiterio do Campo Santo, acompanhando a urna funeraria do engenheiro machinista Shigen Kodama, fallecido em consequencia de uma quéda, quando da descarga do navio no porto da Bahia, em dezembro corrente. O ceremonial é commum no Japão, mas desconhecido entre nós. O esquife está coberto pela bandeira japoneza e sobre esta maçãs, uvas, doces, arroz cozido e os competentes pauzinhos. Ladeiam a urna o commandante, officiaes e tripulantes do "São Francisco Marú".

# Os funeraes das ultimas victimas do "Santos Dumont"

Das quatorze victimas da catastrophe do avião "Santos Dumont" só duas restavam ainda no abysmo das aguas: o professor Amoroso Costa e o major Eduardo Vallo. Os seus corpos foram, finalmente, encontrados e dados á sepultura.

1 — Na residencia do professor Amoroso Costa, no dia do seu enterramento. Vê se assignalado Santos-Dumont. 2 — A urna funeraria do professor Amoroso Costa baixando á sepultura no cemiterio de S. João Baptista. 3 — O esquife do major Eduardo Vallo sahindo do Hospital Central do Exercito. Vêem-se segurando as primeiras alças do caixão os srs. representante do Presidente da Republica e ministro da Guerra. 4 — Na necropole de S. Francisco Xavier, no momento em que ia baixar á sepultura o esquife do major Vallo.

E' o caso de dizer-se: as mulheres são os melhores alliados do Oriente nestes ultimos tempos. O velho dragão da Asia serve-se do sexo adoravel para dominar a civilização européa, impondo, com a irradiação magnetica da sua esthesia, a influencia dos seus milhares de annos de mysticismo torturado.

As roupas diaphanas e folgadas, innegavelmente mais bellas que as antigas, substituem as classicas vestes de pregos pesados, que caracterizava a indumentaria da Europa.

Parece que o requinte dos modistos, dando uma aguda feição levantina aos modelos recem-creados, está se fatigando com a repetição dos modelos de caracter occidental.

E o interessante é que tambem a moda se orientaliza até nos *maillots*, de ultima creação, agora chegados de Paris. Ondulações de serpentes e azas de borboletas começam a apparecer nas camisas de banho de mar, com uma graça entontecedora...

A chegada ao cemiterio de S. João Baptista do feretro do major Mario Barbedo, o inditoso official que ha longos annos se via enclausurado no lar, invalidado por um desastre de aviação. Ladeando a urna funeraria, vêem-se no primeiro plano os srs. generaes Azeredo Coutinho, commandante da Região Militar, e Estanislau Pamplona, chefe do Departamento da Guerra.

A' esquerda: s. ex. o sr. Presidente da Republica entregando os diplomas aos novos intendentes do Exercito; á direita, os diplomados, que concluiram o curso no corrente anno.

# O plagio no urbanismo do Sr. Agache

NÃO voltariamos ao assumpto — assimera intenção nossa, em razão de se achar ausente o sr. Agache — se não sobreviesse motivo que nos obriga a traçar estas linhas mais, sob a epigraphe com que ha um mez a REVISTA DA SEMANA tem publicado conceitos e criticas a proposito dos planos do urbanista francez.

Esse motivo é de jubilo para nós. O Instituto Central dos Architectos põe-se de accordo com a REVISTA DA SEMANA e reconhece que o sr. Agache plagiou os architectos brasileiros Cortez & Bruhns, ideadores da Praça Monumental que o urbanista francez incluiu nos seus projectos... sem dizer quaes os seus autores verdadeiros.

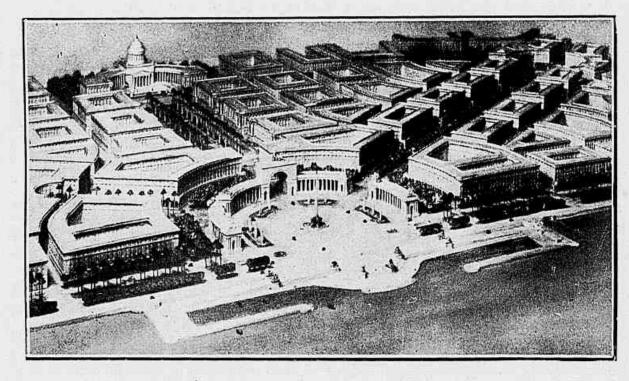
Assim é que, ha dias, o Instituto forneceu á imprensa a seguinte nota:

"O Instituto Central de Architectos, em sua reunião de hontem, fez inserir em acta uma moção congratulatoria aos architectos Cortez & Bruhns pelo facto de seu conhecido e já louvado projecto da Praça Monumental á Beira-Mar ter sido aproveitado no plano official de remodelação urbana".

O gesto é-nos grato, embora a acção da REVISTA se resumisse na justa reivindicação para uma firma brasileira de idéas que são suas exclusivamente.

De resto, a politica da REVISTA, em materia de aformoseamento da cidade, tem sido uniforme e inflexivel. Por estas columnas, temos profligado erros e louvado acertos. E o sr. Prefeito deve saber que se deve á REVISTA o grande serviço de haver sido destinada a um parque a zona conquistada ao mar, na Gloria, zona que o seu antecessor já havia mandado vender em leilão e que s. ex. hoje resolve, não sabemos para quê.

Entretanto, não se alienaram esses terrenos, e a REVISTA encommendou — notavel coincidencia! — aos mesmos architectos srs. Cortez & Bruhns um plano do seu ajardinamento. O sr. Prefeito deve saber que a Prefeitura, por sua vez, após a publicação do plano que a REVISTA encommendara, chamou aquelles mesmos brilhantes architectos para lhes encommendar tambem um projecto, que foi approvado.

Está, pois, fóra de duvida que a REVISTA — nesta caso, como sempre — age exclusivamente em beneficio das tradições, do aformoseamento e da esthetica da nossa capital.

Perspectiva da Praça Monumental sobre a Guanabara, de autoria dos srs. Cortez & Bruhns, aproveitada nos planos do sr. Agache, pelo que o Instituto Central de Architectos se congratulou com aquelles architectos brasileiros.

A Camara de Commercio Franco-Brasileira de Paris, confortavel e luxuosamente installada no Boulevard des Capucines. Photographia tirada em sessão da directoria, especialmente convocada para as despedidas do dr. Randolpho Chagas. Sentados, da esquerda para a direita: sr. Francisco Guimarães, addido commercial; dr. Randolpho Chagas, vice-presidente da delegação da Camara Franco Brasileira; Hubert Giraud, presidente da Camara (antigo deputado por Paris, banqueiro e presidente de importantes emprezas), e Henri Charlot, vice-presidente.
De pé: Jacques Fitay, Eduardo Nioac; J. A. Banquet, secretario, director de grande companhia de navegação; Emilio Pilon, vice-presidente, e René Flachfeld.

# TAMANDARÉ

O culto á memoria do Marquez de Tamandaré no Dia do Marinheiro, instituido em honra do grande almirante brasileiro. Ao alto: os srs. ministros da Marinha e da Guerra e altas patentes da Armada em continencia ao busto de Tamandaré. Ao centro: o sr. ministro da Marinha, perante almirantes e generaes, lendo o seu discurso sobre o grande vulto da nossa Armada. Em baixo: o desfile de forças da Marinha.

NOS SAPATOS DO NATAL
RAUL

# ESTADO DO PARANÁ

O Paraná é uma das unidades brasileiras que mais expressivamente concorrem hoje para a economia nacional, com desafogo para suas finanças. Inesgotaveis são as riquezas proprias da terra que o homem lavra incansavel e previdente, não desperdiçando dadivas tão generosas da Natureza.

E, como á fecundidade abençoada do solo paranaense corresponde uma actividade continua e bem orientada de seus filhos, o Estado occupa no computo da produção brasileira logar do maior relevo. E relevo que se tornará supremacia, se lhe analysarmos a capacidade productiva, em relação ao seu territorio e á sua minguada população, comparando-a com a dos grandes Estados que apenas em cifras positivas podem mostrar maior exportação.

A benignidade do clima, que é um convite amigo ao immigrante europeu, permitte a diversidade de culturas que produz abundancia e riqueza. Abundancia e riqueza que se acham actualmente garantidas na sua perdurabilidade, mais ainda, no seu desenvolvimento, pela orientação esclarecida e patriotica da administração Affonso de Camargo.

E' interessante lembrar aqui o montante da riqueza agricola do Paraná, embora por dados estatisticos que datam do recenseamento geral do paiz, em 1920.

O rico e fecundo Estado sulino possuia então 24.500 estabelecimentos agricolas com menos de 101 hectares e 6.591 com superficie maior que esta, num total de 30.951 estabelecimentos desse genero e no que lhe cabia, entre os demais Estados, o quinto logar.

A população agraria dividia-se em 154.997 individuos dedicados á agricultura, 153.445 á lavoura e 1.552 á criação, dos quaes 134.223 nacionaes, 20.747 estrangeiros e 27 de nacionalidade ignorada.

E, quanto a instrumentos de lavoura áquelle tempo existentes no Estado, recensearam-se 7.000 arados e 95 tractores, destes sendo 43 no municipio de Curityba, apparelhamento em que só estavam acima do Paraná os Estados de S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul.

Isto é já um forte elemento de presumpção do valor da propriedade agricola paranaense. E realmente esse valor foi orçado em 244.358 contos de réis, para as terras cultivadas, 57.960 contos para as bemfeitorias e 6.203 contos de réis de machinismos e instrumentos agrarios, em tudo lhe cabendo o setimo logar entre os demais Estados.

O desenvolvimento que tem tido o Paraná nestes ultimos annos não permitte que se possa fazer um calculo mais ou menos approximado de a quanto subiram esses numeros.

Existem, porém, elementos que dão uma idéa da actual situação economica paranaense.

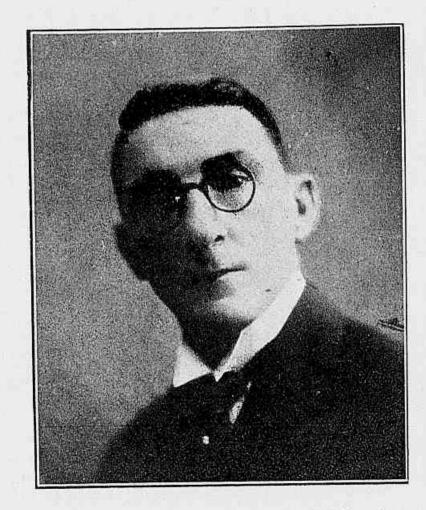
Sabe-se, por exemplo, que durante o anno passado o Estado exportou pelo porto de Paranaguá nada menos de 438.193 saccos de café em grão, quando ha cerca de setenta annos era uma simples comarca de S. Paulo.

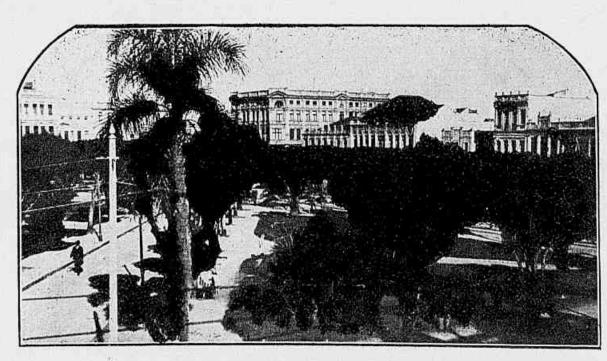
Foi tambem em 1927 o Estado que mais exportou matte, num total de....... 57.031.346 kilogrs., no valor de....... 72.031:346$000.

Como exportador de milho ficou em igualdade de condições com S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, enviando a outros mercados 380 mil toneladas.

Na exportação de batatas coube-lhe o terceiro logar, cabendo os dois primeiros a S. Paulo e Rio Grande.

E a exportação de madeiras, que é uma das grandes fontes da riqueza natural paranaense, attingiu a um total de 3.552.162 ks., na importancia de réis 5.843:237$000, sem computar-se a madeira sahida pelo S. Francisco.

O fumo, as fructas etc. occuparam tambem logar honroso na exportação geral. De todos os productos natural é ter cahido a preferencia do governo sobre o matte, as madeiras e o café, que mais pesam, nesta ordem, na balança da economia publica.

Dr. Affonso Camargo, Presidente do Estado do Paraná.

Os outros, porém, relativamente, não estão menos apoiados pelos poderes publicos, que assim mostram comprehender, com inteira sabedoria, que para uma nação a melhor maneira de conseguir um futuro brilhante — como o que se mostra naturalmente ao Paraná — é prevel-o e estimulal-o com antecedencia. E a melhor maneira de prever é estudar a realidade actual, pois no presente está sempre o germen do futuro.

Uma praça de Curityba.

Dizendo em começo que o estado do Paraná occupa no computo da producção brasileira logar do maior relevo, não nos inspirámos apenas nas cifras, certamente que já muito significativas, concernentes ao café, ao matte, ás madeiras e aos outros principaes productos regionaes.

Poderiamos lembrar que em 1926 S. Paulo importou por via maritima, do Estado que antes fôra parte do seu territorio, 22.117 toneladas de mercadorias, no valor de 20.000:000$000, cabendo ao Paraná a differença da importação daquelle Estado, representada em 4.511 toneladas no valor de 10.877:000$000.

Isto põe de manifesto o desenvolvimento da economia paranaense que, entretanto, melhor poderá ser apreciada num exame rapido de sua posição na importação e exportação do Brasil no anno de 1926.

No anno anterior importára o Estado mercadorias diversas no valor estimativo de 27.611:000$000.

Em 1926 poude-se verificar a descida dessa côta para 20.210:000$000, com a vantagem de pagamento não feito ao estrangeiro de 7.410:000$000. Demonstrada tal differença na balança de importação e exportação, de um para outro exercicio, facil seria acreditar na diminuição de sahida dos productos da terra.

Pois, embora fugindo á regra commum, a exportação registrou um sensivel augmento, subindo de 88.137:000$-a que montara em 1925, para 100.291:000$000 em 1926.

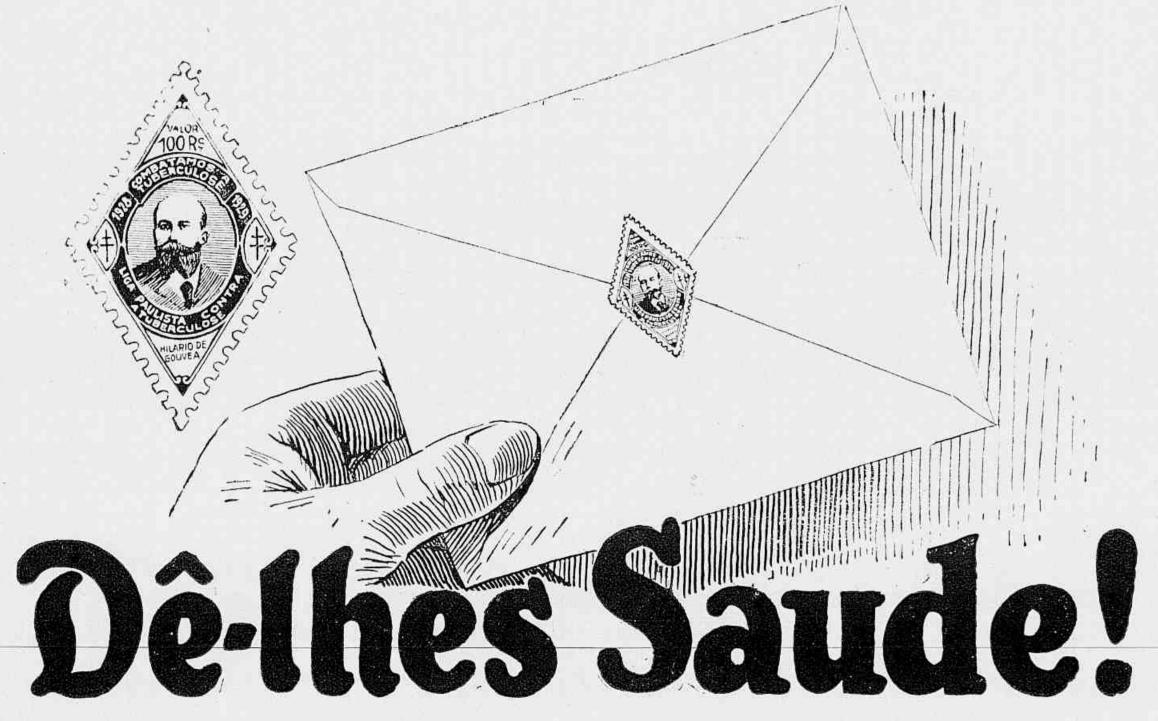
O Paraná occupou nesse anno o sexto logar entre os Estados exportadores.

Vejamos, entretanto, como relativa ficou sendo a superioridade de exportação dos cinco primeiros collocados.

Em 1.º logar esteve São Paulo que exportou mercadorias no valor de 1.697.325:000$000; em 2.º o Rio de Janeiro com a exportação de 537.404:000$000; em 3.º a Bahia com 250.409:000$000; em 4.º o Rio Grande com 135.055:000$000; em 5.º logar o Espirito Santo com 121.846:000$000.

Deve-se notar que a exportação do Rio de Janeiro, que foi em 1925 de 685.284:000$000, diminuiu em 1926 147.850:000$000; São Paulo, que teve em 1925 a exportação de 2.192.147:000$, soffreu em 1926 a diminuição de 494.822:000$000; a Bahia, que em 1925 exportou 281.078:000$000, soffreu em 1926 a reducção de 30.669:000$000; o Rio Grande, que em 1925 exportou 165.204:000$000, teve em 1926 a reducção de réis 30.149:000$000; e o Espirito Santo, que teve em 1925 a exportação de 144.523:000$000, teve em 1926 a reducção de 17.677:000$000.

E' esta a synthese da realidade paranaense.

E, se por um lado merecem louvores as administrações que se têm vindo succedendo na orientação sem solução de continuidade sobre os problemas dorsaes da economia publica, applausos não menos justos são devidos ao povo paranaense, cujo civismo sabe escolher para o governar cidadãos capazes de conduzir o Estado á prosperidade solida e permanente.

Ha 26 annos atraz, numa noite de Natal, um joven funccionario do Correio Geral da Dinamarca estava despachando milhares de cartas e cartões de Bôas Festas e occorreu-lhe a idéa de como seria maravilhoso se todas as pessôas felizes, que estavam mandando mensagens de Bôas Festas, addicionassem um sello especial de Natal ás suas cartas e cartões. A arrecadação extra, proveniente desse sello, daria para a construcção de um hospital destinado ás crianças atacadas de tuberculose.

O joven funccionario submetteu a idéa á apreciação do Rei e da Rainha da Dinamarca. Seu plano foi acolhido enthusiasticamente. Os primeiros sellos de Natal appareceram na Dinamarca em 1904 — e as crianças tiveram o seu sanatorio... Desta simples origem germinou o costume, hoje generalizado em muitos paizes, de vender sellos de Natal para debellar o grande flagello branco.

A tuberculose pulmonar é uma doença que se pode curar, que pode ser prevenida e que, finalmente, pode desapparecer da face da terra, mas, unicamente mediante a beneficencia e cooperação da humanidade, **em fórma de dinheiro.**

A "Liga Paulista Contra a Tuberculose" está emittindo sellos de Natal. Custam apenas um tostão cada um e podem ser adquiridos **em qualquer agencia do correio.** Esses sellos não têm valor para franquiamento postal.

Contribúa com o seu quinhão! Compre UM, DOIS ou CINCO MIL RÉIS desses sellos e selle o verso do enveloppe de cada carta que V. S. enviar desde agora até 31 de Janeiro e aconselhe os seus amigos a fazerem o mesmo.

*A "Sul America" Companhia Nacional de Seguros de Vida, acaba de editar um folheto sobre a Tuberculose, que será remettido gratis a quem nos enviar, devidamente preenchido, o "coupon" abaixo.*

| **COUPON** - A "SUL AMERICA" - CAIXA POSTAL Nº 971 - RIO DE JANEIRO |
|---|
| *Queiram enviar-me gratis um exemplar do folheto sobre a TUBERCULOSE* |
| *Nome:* |
| *Endereço:* |

Firme comprehensão dos assucares SUL AMERICA

*Os nossos segurados não precisarão enviar-nos o coupon, porque remetteremos a todos um exemplar do folheto.*

PUBLICIDADE INTERNACIONAL

A maior da America do Sul, maior renda, maior numero de segurados, mais seguros em vigor, mais seguros novos annualmente

Aspecto do Café e Restaurante Jardim Hotel, situado na rua Marechal Floriano Peixoto 235, de propriedade do sr. Adão Araujo, um dos pontos mais elegantes e confortaveis da cidade.



No enlace nupcial do escriptor Oswaldo Orico com a senhorinha Clara Leivas de Carvalho, da sociedade de Porto Alegre. Os noivos rodeados pelas madrinhas: do lado esquerdo as senhoras Rego Barros, esposa do presidente da Camara dos Deputados, e Iracema Neves da Fontoura, esposa do vice-presidente do R. G. do Sul; do lado direito as senhoras Hugo Napoleão, Francisco Magalhães Castro e Arthur Rodrigues Tilo.

## PROPAGANDA ORIGINAL

A operação do appendice é feita tão correntemente actualmente que não se tem mais o direito de ficar surpreso com a noticia que nos chegou da America do Norte.

Em Nova-York, um cirurgião, que fez uma fortuna colossal especializando-se nesse genero de operação e não a fazendo senão em millionarios, esse cirurgião teve a ideia original de reunir num grande banquete mil desses seus clientes, operados por elle com successo.

No dia do jantar, cada convidado encontrou dentro do seu guardanapo um pequeno tubo de crystal facetado, com tampa de prata, contendo seu appendice. Os garfos tinham sido substituidos por pinças cirurgicas e as facas por bisturis.

Inutil dizer que o menu era copioso, o *virtuose* do bisturi tinha querido provar que seus doentes gozavam agora da melhor saude, podendo comer de tudo. E a refeição foi seguida de uma interessante soirée no decorrer da qual os convidados assistiram, graças ao cinematographo, a uma operação de appendicite.

---

Como os olhos, a honra não póde soffrer a menor impureza sem alterar-se.

BOSSUET

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

## ULTIMOS MODELOS

### :: A MODA ::

A linha invariavelmente direita, rompida sómente no movimento da marcha, que entre-abre as pregas mais ou menos largas das saias, continua a ser a linha dominante dos tailleurs. Muitos são os tailleurs feitos com tecido de fantasia, o que foi uma das novidades do ultimo verão na Europa.

Os vestidos continuam a ser bastante enfeitados apezar dos costureiros procurarem com afinco libertal-os de toda guarnição inutil e fazer com que a linha fique sempre o mais livre possivel. Mesmo os vestidos de Louise Boulanger, que teem bastante roda devido aos franzidos que rodeiam as cadeiras; mesmo os drapés de Patou, levados para atrás; os apanhados de Permet, fazendo lembrar de longe as celebres tournures, são estudados de tal maneira que deixam á silhueta todo o seu valor. Um movimento, um recorte, um nada — está ella trahida, revelada mesmo nos vestidos de Cheruit (são seus vestidos os mais amplos de todos).

Babados, plissados, godets, estes ultimos sobretudo, põem nos vestidos uma mobilidade que é um dos seus maiores encantos. A essas guarnições juntam-se os *panneaux* mais ou menos longos, partindo dos differentes pontos do vestido e que destacandose do vestido dão-lhe muita leveza, accentuando em algumas mulheres a graça no andar. Esses *panneaux*, que já foram tão usados, são de novo a ultima novidade da moda actual.

Para a noite o velludo mousseline tem tanto successo como os mais ricos lamés e as sedas mais sumptuosas. Porque ao lado dos leves vestidos de tulle, de crêpe *Georgette*, de gaze vemos os chamalotes, as failles e os tafetás bordados.



1 — Vestido de crêpe de Chine de fantasia, fundo branco com desenhos azul marinha; babado en-forme e viezes de seda azul marinha.
2 — Vestido de crêpe Georgette beige claro e renda de um tom mais escuro.
3 — Manteau igual ao vestido, do mesmo crêpe e renda.

As rendas continuam tambem a dominar tanto em vestidos completos como em guarnição — a renda de ouro, de prata, a pesada renda de guipure, assim como a delicada renda de seda.

Alguns modelos apresentaram bordados de metal sobre sedas claras ou escuras de grande effeito.

### COMO UMA MULHER PODE CONSERVAR SUA JUVENTUDE

(Da Revista "Popular Topics" )

«A mulher que deseja parecer joven deve abster-se do uso de crêmes e carmins, porque do contrario só conseguirá peorar o aspecto de seu rosto e destruir os tecidos de sua cutis", diz Margaret Holmes Bates, a conhecida escriptora. "Medicos autorizados declaram que, se a mulher abusa de methodos artificiaes, arrisca sua saude", assim continúa a escriptora. O tratamento perfeito, ao qual se póde submetter uma cutis má, é o da cêra mercolized ( em inglez: "pure mercolized wax ), pois esta nada acrescenta á pelle, ao contrario tira-lhe algo: toda cuticula superficial, velha, descolorida e manchada. Deste modo vae apparecendo, em seu logar, a nova cutis delicada que surge gradualmente das camadas inferiores para revelar-se á superficie. Isto é o que se consegue com a cêra mercolized, que se póde encontrar em qualquer pharmacia. A cêra actua com toda suavidade e sem causar damno algum á nova cutis, dando á tez um aspecto rosado e brilhante, completamente distincto do que apresenta uma pelle tratada por pintura. Este é o methodo que se deve seguir para que uma mulher possa conservar a sua juventude.

Com que gosto empregam o tulle bordado com contas!

Tudo que diz respeito ás toilettes da noite, com a série de multiplos e ricos manteaux de lamés é brilhante e sumptuoso. Conhece-se o attractivo que teem os bordados brilhantes e tudo que é scintillante sob as luzes dos lustres. Tanto os vestidos para os sports e para a manhã continuam simples e praticos, tanto os da noite são guarnecidos.

### PENSAMENTO

A recordação é o balsamo que vem docemente suavizar o coração nos seus desesperos. E' como o sopro de uma aza sobre a ferida da saudade.

MARIA EULALIA

## Glutonaria castigada

Dona Rufasta acaba de comprar um saboroso melão, cujo esplendido aroma causa a admiração do seu filho Arthurzinho.

— Deve ser um colosso, esse melão! E como está maduro! — exclama o nosso maroto.

— Muito maduro, e podes admiral-o tanto quanto quizeres, mas não podes nem tocar nelle — adverte dona Rufasta.

— E por que não posso comer melão?

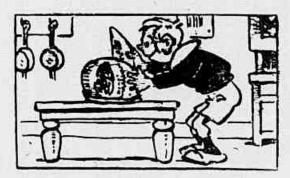
— Porque és um pequeno glutão, e comeste tanto outro dia que apanhaste uma indigestão.

— Oh, si fiquei doente, Mamãe, foi por ter brincado demais e não por ter comido melão.

— Cala-te, mentiroso!

Mal dona Rufasta sahiu da cozinha, Arthurzinho deu expansão á sua colera:

— Ah, com que então não posso comer melão? Pois vamos vêr... E assim fez: cortou uma fatia e comeu-a gulosamente.

— E' delicioso! Chega a desfazer-se na bocca! Vou comer outra fatia só para Mamãe ver que não me faz mal...

E, d'esta maneira, comeu o melão inteiro.

O leitor pode julgar da surpreza de dona Rufasta ao constatar que o melão desapparecera...

— Alguem entrou aqui e com certeza o roubou. Não é possivel que Arthurzinho tivesse o atrevimento de comel-o todo. Entretanto, quero certificar-me d'isso pois, como diz o dictado, quem bebeu beberá. E, si realmente foi Arthurzinho, elle ha de trahir-se.

Então dona Rufasta foi buscar uma bola de foot-ball do seu filho, pintou por cima

imitando a côr do melão e collocou-a em cima da meza, escondendo-se atrás da porta para colher o culpado em flagrante.

Effectivamente Arthurzinho, ao ver o segundo melão, recordou-se da delicia do primeiro e, como era tão glutão quanto atrevido, decidiu provar tambem d'este.

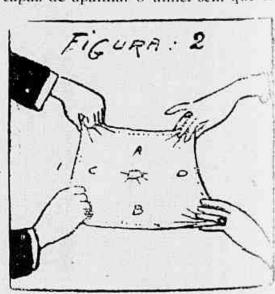
Apanhando o melão, cravou nelle os dentes com avidez. Um estrondo enorme

fel-o pular de espanto, emquanto sua mãe dizia:

— Ah, com que então gostas de melão a este ponto? Pois vou acalmar a tua glutonaria com uma bôa sova, para que te emendes!

## Jogo de mãos

Colloque-se uma moeda pequena no centro de um lenço de seda. Unam-se as quatro pontas, e passem-se estas, assim

unidas por um annel (fig. 1). Em seguida, dêm-se as quatro pontas a segurar a duas pessoas (fig. 2), e aposte-se que se é capaz de apanhar o annel sem que essas

duas pessôas deixem de segurar as pontas do lenço. Para isto, dobre-se o lenço em A-B-C ou em D, como se preferir. Enrole-se até ao annel e deixe-se deslisar esta parte através do mesmo annel. Assim, facilmente se retirará o annel.

# Moda Infantil

1 — Vestidinho de linon azul claro; um babadinho de linon branco guarnece a golla e a barra do vestidinho, que é recortada em festão. 2 — Vestido de *tafetá* furtacôres, azul e verde. Ruches do proprio tecido o enfeitam. 3 — Vestido de linon côr de rosa, bordado com linha brilhante branca; pala franzida. 4 — Vestidinho de crêpe Georgette, verde claro, guarnecido com fitinhas de setim do mesmo tom. 5 — Vestido de crêpe de chine azul claro, bordado e com tiras de seda azul vivo.

## CONSELHOS SOCIAES

O ALTRUISMO

*E' realmente difficil pôrmo-nos no logar dos outros, isto é: esquecer por alguns instantes as nossas ideias, a nossa maneira de ver e de sentir. E' difficil fazermos abstração do nosso eu, para pensarmos, agirmos e ás vezes soffrermos como os que nos cercam, como os nossos amigos. E' entretanto o verdadeiro meio de estabelecer entre os outros e nós mesmos esta communidade de pensamentos e de sentimentos que não é outra coisa senão a sympathia.*

*Para conseguirmos isso é preciso um esforço de intelligencia, um movimento da alma e do coração. Em muitas circumstancias, somos obrigados a fazer um esforço: se desejarmos offerecer alguma consolação a uma grande dôr, se quizermos penetrar até á alma de uma pessôa amiga, soffrendo nas suas mais caras affeições, é preciso que entremos em perfeita communhão de impressões e de sentimentos com essa alma ferida; evitaremos assim um passo indiscreto, e que palavra alguma irreflectida venha avivar a dôr moral que quizeramos suavizar. As pessôas que muito soffreram e que viram soffrer em volta dellas sabem como são numerosas as differentes maneiras de sentir: ha pessôas que falam sem cessar em seu desgosto, que sentem uma verdadeira consolação em evocar os que perderam; outras que não podem falar sem soffrer e que se fecham numa especie de solidão: não procuremos reagir contra essas tendencias, arriscariamos exasperar a dôr que desejariamos suavizar; basta-nos conhecer as ideias daquelles que nos cercam, a maneira de ser dos nossos amigos para conformarmos, quando estivermos perto delles, a nossa maneira de agir, e para lhes trazermos sem errar as consolações que lhes serão doces.*

---

As mais crueis ausencias são aquellas que se podem tocar com a mão.

Impressões da primeira aula:

O PAPAE — Então, meu filho, que tal achas a escola?

O MENINO — E' um "bluff". Pagamos ao professor... e nós é que temos de trabalhar!...



AO VOSSO ALCANCE

a PEPSODENT, que é a pasta dentifricia de maior efficiencia na conservação do esmalte dos dentes. Isenta de materias nocivas. Não é saponacea.

## OS LYMPHATICOS

O lymphatismo é um temperamento normal no qual predomina o systema lymphatico como nos congestivos predomina o systema sanguineo. Não é uma doença como muitos pensam.

O diagnostico do lymphatismo é muito facil e póde ser feito por signaes visiveis. Tomemos um typo de lymphatico. Vejam esta jovem: vive lentamente, inapta ao esforço physico, tem-se a sensação de que está sempre cansada; sua pelle é branca e fina, gordurosa e lustrosa; seus cabellos são ralos; em uma palavra, parece ser a figura viva da placidez. E' uma lympathica.

De onde vem o lymphatismo? Qual é sua causa? Será uma tara hereditaria? Não, está hoje provado que que não se nasce lymphatico, fica-se; e a causa está unicamente na humidade da atmosphera. Nos paizes seccos estão quasi isentos: pelo contrario os casos são muito frequentes nas regiões humidas.

Mas não haverá outra coisa? Uma lesão organica? Talvez. Já pensaram na insufficiencia das glandulas endocrinas, essas glandulas internas que segregam liquidos necessarios á vida e ao desenvolvimento do nosso organismo? E' sómente por esse lado que a hereditariedade apparece no mecanismo do lymphatico. O lymphatismo é incuravel? Poder-se-ha modificar esta forma do temperamento? E' bastante difficil. No emtanto, é costume impôr ao lympahtico um regime severo e fazel-o tomar fortificantes e reconstituintes. Mas de todos os medicamentos, o melhor é o dado pela natureza: é o sol. A luz é o pão do lymphatico: nutre e cura-o. Nos logares onde não ha facilidade do doente tomar o banho de sol, tem para substituil-o os raios ultra-violeta.

A idade em que os doentes tiram mais resultado com esse tratamento é quando estão entre os doze e quinze annos. Isso não quer dizer que não se deva tratar nas outras idades.

Não se deve descuidar do lymphatismo; faz com que o adolescente tenha muito pouca resistencia, e uma facilidade extraordinaria para apanhar todas as doenças.



### PENSAMENTOS

O amor não é cego: é apenas presbyta; a prova é que elle começa a ver os defeitos sómente quando se está afastando.

M. Zamacois.

Quando vemos nos outros o que chamamos em nós "instincto de conservação" chamamos-lhe egoismo...

Vestido de shantung beige, cinto preto, golla e punhos de nanzouk.

Vestido para a noite de crêpe setim rosa, cinto de lamé de prata.

## NOSSA ALIMENTAÇÃO

A AGUA FRESCA

Não ha nada mais desagradavel que beber agua, ou qualquer outra bebida, morna quando chegam os dias quentes do verão. Os que vivem nas cidades teem a facilidade de ter gelo, mas muitos são aquelles que não teem esse recurso. Para esses damos a seguinte receita, que refresca de uma maneira muito agradavel as bebidas, sem que no emtanto fiquem geladas de mais, o que é prejudicial á saude.

Prepara-se da seguinte maneira.

Salitre, 25 grs.; Sal amoniacal pulverisado, 25 grs.

Numa vasilha de zinco ou tina de madeira, cheia pela metade de agua, põe-se para cada litro de agua uma colher (das de sopa) dessa mistura; mergulha-se nesse liquido as garrafas que se quer refrescar: num quarto de hora obtem-se uma bôa temperatura.

MENU DE JANTAR

SOPA DE ABOBORA

PASTEIS DE ARROZ COM CAMARÕES

FRANGO ENSOPADO COM MOLHO DE CREME

BATATAS COZIDAS

CARNE DE PANELLA Á JARDINEIRA

TORTA DE UVAS

# TOILETTES PARA CASAMENTO

1 — Vestido de crépe-setim preto, guarnecido com setim branco. 2 — Toilette de casamento de crépe Georgette branco; a renda da saia, cortada en-forme, reune-se atrás para formar a cauda, e no corpo a renda forma bolero na frente e capa atrás. 3 — Vestido de crépe-setim côr de cinza, guarnecido com renda do mesmo tom.

SOPA DE ABOBORA

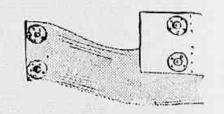
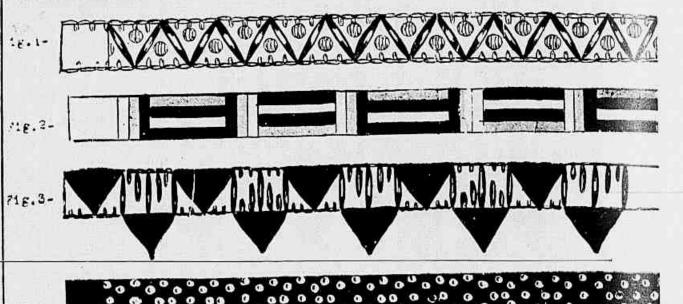
Pica-se em pedaços bem pequenos 600 grs. de abobora, bem vermelha; joga-se dentro de um caldeirão contendo agua fervendo. No fim de uns vinte minutos de ebulição, passa-se por uma peneira e põe-se a massa numa panella; junta-se meio litro de leite fervendo e o caldo necessario; tempera-se com sal, uma pitada de assucar. Na hora de servir junta-se uma colhér de manteiga e torradinhas fritas na manteiga.

PASTEIS DE ARROZ COM CAMARÕES

Põe-se para cozinhar 250 grs. de arroz em agua e sal, tendo-o refogado primeiro com uma colhér de manteiga. Quando o arroz estiver bem cozido junta-se tres colheres de queijo ralado; deixa-se ainda em cima do fogo uns cinco minutos. Em seguida despeja-se o arroz numa travessa grande ou taboleiro de folha e espalha-se de maneira a formar uma espessura de tres centimetros. Quando estiver bem frio, cortam-se os pasteis com a boca de um calice grande, depois tira-se um pouco da massa de arroz do centro, passa-se por ovos batidos e são fritos em manteiga, gordura ou azeite. Arrumam-se na travessa e vae-se pondo no centro um pouco do recheio de camarão. Não volta mais ao fogo.

E' preciso que o arroz seja muito bem cozido e que esteja bem frio.

## As pulseiras para as luvas

Damos aqui 4 pulseiras para serem collocadas sobre as luvas; devem ter o tamanho exacto para ficarem ajustadas ao pulso, e a sua largura de um centimetro e meio pouco mais ou menos; fecham-se por duas pressões como mostra a fig. 5. A pulseira fig. 1 — para os *tailleurs* — é feita com *drap* ocre, forrada com *drap* côr de laranja. Os grandes pontos que separam a tira em triangulos são feitos com lã azul vivo, as pequenas bolas com lã côr de laranja e o ponto de festão que reune os dois tecidos é feito com lã amarella. A pulseira fig. 2 — para sport — é feita com pellica branca e bordada com ponto cheio com lã vermelha, azul e preta. A pulseira fig. 3 — para a tarde — é feita com crêpe Georgette *gris-perle*, forrada com o mesmo tecido côr de rosa; dentro da costura que reune os dois tecidos, collocam-se de espaço em espaços, alternativamente em baixo e em cima, pequenos triangulos de crêpe Georgette violeta ou verde azulado, terminados por uma *rondelle*. Os pontos de festão que terminam a pulseira são feitos com seda cinzenta. A pulseira fig. 4 — para a noite — é feita com uma fita de chamalote preto, forrada com chamalote branco e coberta com pequenos *strass* ou contas de aço.

Se fôr o arroz feito de vespera fica melhor ainda.

### RECHEIO DE CAMARÕES

Põe-se numa panella um pouco de azeite, uma cebola cortada em rodellas, salsa, cebolinha picada, meio dente de alho, sal, pimenta e meia folha de louro, alguns tomates sem as sementes. Deixa-se os temperos tomarem côr, em seguida põe-se os camarões que já foram cozidos em agua e sal, descascados e socados.

Deixa-se tomar gosto dos temperos e junta-se depois um pouco da agua na qual foram cozidos. Engrossa-se com um pouco de farinha de trigo amassada com manteiga e por ultimo junta-se 4 a 6 gemmas de ovos; mistura-se bem e vae novamente ao fogo para cozinhar um pouco, mas mexendo-se sempre com uma colhér de páu para não pegar no fundo.

Com esse recheio enche-se os pasteis de arroz.

### FRANGO ENSOPADO COM MOLHO DE CREME

Depois do frango bem limpo corta-se em diversos pedaços e põe-se para refogar num pouco de manteiga com rodellas de cebola, tomates sem as sementes e uma cenoura cortada em fatias. Junta-se depois um copo de caldo ou de agua quente; logo que ferva deixa-se cozinhar em fogo brando. Quando o frango estiver cozido côa-se o môlho e junta-se meio copo de leite e duas gemmas. Salpica-se com salsa picada muito fina, um bom bouquet.

### TORTA DE UVAS

Arruma-se num morrinho 125 grs. de farinha de trigo peneirada; põe-se no buraco, que se fez no centro, uma pitada de sal; amendoas socadas 60 grs. duas gemmas, 60 grs. de assucar (pode-se socar as amendoas com o assucar), 60 grs. de manteiga e agua sufficiente para fazer uma

Vestido de crêpe-setim preto, renda de guipure formando ponta na frente. Um viez do mesmo tecido mantém a renda. A golla *écharpe* amarra nas costas.

massa macia mas com certa consistencia. Depois de bem amassada deixa-se descansar 2 horas. Abre-se em seguida a massa com um rolo na espessura de cinco centimetros. Forra-se com ella uma fôrma para torta, bem untada com manteiga. Espeta-se o fundo com um garfo. Põe-se para assar no forno, tira-se da fôrma e enche-se com as uvas em calda.

DOCE DE UVAS

Faz-se uma calda bem espessa de assucar e joga-se dentro as uvas separadas do cacho: é preciso que fiquem bem mergulhadas na calda.

Quando a pelle começa a enrugar, vae-se tirando com uma escumadeira e arrumando dentro da torta. Depois põe-se um instante a torta no forno (uns dez minutos). Rega-se depois a torta com a calda de assucar, que se deixou reduzir bem.

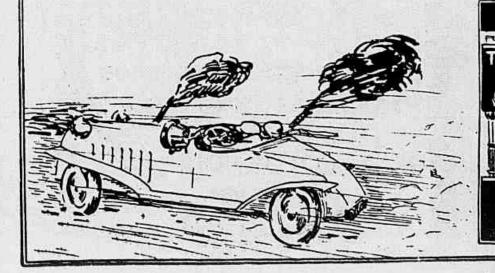
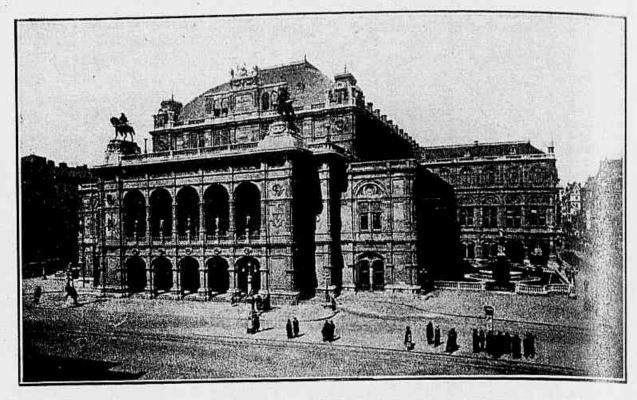
PENSAMENTOS

O ideal que tem a esposa e a mãe, a maneira como comprehende o dever e a vida contém a sorte da communidade. Sua fé torna-se a estrella do barco conjugal, e seu amor o obreiro que fabrica o futuro de todos os seus. A mulher é a salvação ou a perdição da familia. Traz com ella os destinos.

H. F. Amiel.

As mulheres e os medicos sabem como a mentira é necessaria e bemfazeja em certos casos.

Anatole France

Vestido de crêpe de Chine branco, guarnecido com applicações do proprio tecido.

# A OPERA DE VIENNA

O edificio da Opera.

*Os jornaes de Paris occuparam-se ultimamente muito com a Opera Nacional de Vienna, na occasião em que a companhia desse theatro foi dar algumas representações naquella cidade. O trabalho artistico dos Viennenses obteve applausos tão unanimes que se pode dizer, sem receio de exagerar, que foi um verdadeiro triumpho que obtiveram os artistas da Opera de Vienna em Paris. O successo incontestado dos Viennenses, nessa capital que, pela sua velha cultura, seu sentimento apurado da arte e o caracter internacional da sua sociedade, é mais autorisada que qualquer outra cidade a ser juiz em materia de arte, esse successo provou que a Opera Nacional de Vienna não perdeu seu antigo brilho e sua antiga grandeza artistica, e soube conservar tudo que lhe foi transmittido.*

*Isso não era facil, porque nenhum outro paiz perdeu tanto na guerra mundial como a Austria, que de grande imperio, tendo uma das côrtes mais ricas da Europa, se tornou uma pequena republica de seis milhões de habitantes, que teem de luctar para as mais simples necessidades da vida. Essa mudança parecia especialmente desfavoravel á arte da Opera, que descansa sobre o luxo e a fartura. Mas a força poderosa da antiga tradição conservou-se e os factos provaram que apreciam tanto mais o pouco que foi conservado do superfluo quanto mais perderam os bens que fazem a felicidade.*

A escada com as estatuas das sete artes liberaes.

*A Austria e Vienna em particular foram em todos os tempos um terreno singularmente privilegiado para a musica. A sua posição geographica, sua população misturada e, outr'ora, o brilho da sua côrte contribuiram para isso; mas o que precisamente hoje, e talvez mais que outr'ora, attrác, sobre a Opera de Vienna a attenção e o interesse dos centros artisticos indigenas e extrangeiros é o facto de no meio da fermentação geral do periodo que seguiu a guerra mundial a Opera de Vienna não perder o contacto com o passado: não teve ruptura no seu desenvolvimento. O que a experiencia mostrou de bom continuou a ser cultivado; e acolheram as novidades interessantes tendo o cuidado de evitar as experiencias perigosas.*

*Mas, se do ponto de vista artistico a Opera não poude dar ao publico muita coisa, pelo menos deu-lhe coisas*

O grande *foyer*.

*muito interessantes. Antes como depois, dedicaram todos seus cuidados sobre a arte do conjuncto — que faz com que cada um dos seus membros seja um servidor da obra e sómente da obra, sem por isso abafar a individualidade artistica e desdenhar o que o trabalho particular de cada um pode ter de especial.*

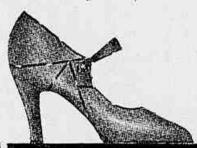
*Foi exactamente esse tradicional conjuncto artistico a principal causa do successo em Paris e teve como consequencia os convites de diversos paizes para terem tambem representações da Opera de Vienna. Por mais lisonjeiros que sejam esses convites, e apezar da companhia da Opera de Vienna esforçar-se nos limites do possivel por fazer conhecer, sobretudo ao extrangeiro, a arte da opera austriaca, convem chamar a attenção que taes representações não pódem dar senão uma imagem imperfeita do trabalho desse instituto. Dizem que é principalmente em sua casa que se póde conhecer bem um homem; e isso é sobretudo verdade para o conjuncto da Opera viennense.*

*O quadro magnifico da construcção de Van der Vull e de Siccard é para as representações muito necessario. Aquelle que, naquella sala com os tons branco e ouro, passou uma hora a gozar da mais nobre das artes terá resentido que nessa sala, de uma acustica extraordinaria, planam mysteriosas presenças; e que os sons dos violinos e o estrepito das trombetas e dos clarins fazem reviver todos os grandes espiritos cujas obras são alli ouvidas. Querem comprehender exactamente o que é a companhia da Opera de Vienna em toda a sua perfeição, não devem hesitar em ir ouvil-a lá.*

## Preceitos de hygiene

OS SALTOS ALTOS

*Não temos a pretenção de obter a diminuição dos saltos: sabemos que o que a Moda decreta está decretado, não é com conselhos medicos que se vae obter que fulanas ou sicranas deixem de usar saltos altissimos que, accreditam, as tornam mais esbeltas, mais elegantes, quando é justamente o contrario que se dá. Mas aquellas que lerem este artigo verão pelo menos ao que se arriscam.*

*Primeiro, não é preciso ser uma aguia para ver*

*que o salto alto desloca o ponto de apoio do pé. Em vez de pesar sobre o calcanhar que a natureza guarneceu de uma rede muscular para*

Vestido de *crêpe* de Chine: *panneaux* incrustados irregularmente dão roda á saia: guarnição de renda *beige* clara forrada com *crêpe georgette* do mesmo tom.

*esse effeito, o corpo pésa sobre a parte anterior do pé, mal protegida e composta de uma grande quantidade de pequenos ossos articulados entre elles. Resulta uma inaptidão extraordinaria para a marcha. Examinem uma creatura com esses saltos andando num chão desigual, sobre pedras por exemplo, veremos seu pé torcer-se para a direita e para a esquerda.*

*Que afinal torcer o pé não é das coisas mais graves. Mas ha outras coisas.*

*Essa posição do pé, provocada pelo salto alto, faz com que todos os musculos da perna não sirvam mais, especialmente aquelles da face anterior que se atrophiam, e deformam a linha da perna. Algumas mulheres cujos saltos são extraordinariamente exagerados não avançam mais senão contrahindo o tornozello: quer dizer que apenas dobram o joelho.*

*E não é tudo! A planta do pé é uma superficie ricamente vascularizada, tão ricamente que se lhe chama a "sola venosa".*

*Apoiando-a bem sobre o solo, a circulação é solicitada emquanto que com o salto alto não o é mais. Dahi a tendencia ás varizes das pernas e ás infiltrações, aos edemas. O membro deforma-se, é porisso que se vê tanta perna horrivel actualmente, e a causa não se deve ir procurar em outra coisa. Emfim ter-se-hia muito que dizer sobre a deslocação do eixo da bacia, levado pela posição do corpo para a frente, posição que é o resultado forçado da presença dos saltos altos.*

*As mulheres tinham outr'ora o collete e conseguiram libertar-se delle.*

*Conservarão ellas os saltos altos?*

---

Procura-se a felicidade, encontra-se o soffrimento.

Vestido de *crêpe* da China verde claro e *crêpe* de fantasia verde, vermelho e preto.



## AS CESTAS PARA PAPEIS

Redondas ou quadradas, grandes ou pequenas, damos aqui tres modelos, de muito facil execução.

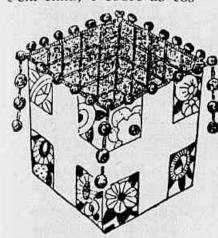
Pódem ser aproveitadas as cestas velhas: cobrem-se por fóra com uma cartolina para ficarem bem lisas e em seguida cobrem-se com cretonne ou outro qualquer tecido que se quizera empregar.

Tambem se póde mandar fazer a armação de

folha no funileiro, pintar por dentro com tinta *laquée*

Saia de crêpe *marocain* azul marinha. Casaco do mesmo tecido branco, guarnecido com applicações azul marinha.

e forrar por fóra com tecido ou papel de fantasia. O primeiro modelo é forrado com cretonne de côr viva; uma fita de velludo preto termina a cesta em baixo e em cima, e cobre as cos-

turas dos lados; borlas de seda preta guarnecem os lados.

O segundo modelo é forrado com linho pardo e com applicações de qua-

Vestido de jersey rosa, o casaco e o collete de jersey listado azul, branco e rosa.

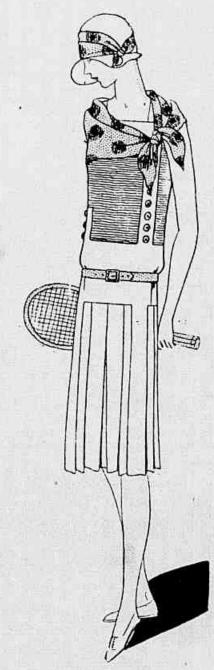


drados de cretonne; o forro é feito com um tecido de xadrez e termina todo em volta com grandes contas de madeira; com essas mesmas contas são feitas as guarnições dos quatro cantos.

O terceiro modelo é feito com quatro pedaços de papelão duplo. Forra-se cada pedaço com tafetá verde vivo e borda-se ou pinta-se com preto as folhas e hastes; as frutinhas são bordadas ou pintadas com vermelho vivo; depois de forrado por dentro com um outro tecido debrua-se com seda preta e em se-

guida unem-se os pedaços e colloca-se o fundo. Contas vermelhas e verdes terminam a cesta em cima.

Quando o livro da esperança está fechado, a vida não é mais que uma agonia.

O marmore, por ser polido, não é menos frio nem menos duro: o mesmo se dá com muitas pessoas.

Vestido de linho branco; e bluza de nanzouk finamente preguada.

1 — Vestido de crêpe *georgette mauve* rosado; tiras pregueadas são incrustadas na saia e na bluza. 2 — Vestido de crêpe *georgette biscuit.*



## Os diversos calendarios

*Em quasi todas as linguas semiticas a palavra anno ("shenai") deriva de uma raiz que significa volta ou repetição, e igual idéia encerra o "annus" latino (annel, circulo) e o "eniautós" grego.*

*Os egypcios estabeleceram seus annos conforme o giro solar, e os chaldeus e hebreus deram-lhe um caracter lunar. No Egypto fizeram doze divisões de trinta dias; mas vendo que não coincidiam, num e outro anno, as estações e os proprios dias, juntaram no fim do anno cinco dias; mas, como mesmo assim não coincidiam, a deliberação tomada foi a annotação do periodo "sothiaco", que comprehendia mil quatro centos e sessenta dias astronomicos resultantes de trezentos sessenta e cinco por quatro.*

*A instituição do anno commum de trezentos sessenta e cinco dias é anterior ao primeiro rei do Egypto, 5.000 annos antes de J.C. São estes os nomes dos mezes em relação com os nossos:*

*1.º Thoth, mez egypcio, corresponde ao dia 29 de Agosto, mez romano; 2.º Paophi, 28 de Setembro; 3.º Athyr, 28 de Outubro; 4.º Choiac, 27 de Novembro; 5.º Tybi, 27 de Dezembro 6.º Méchir, 26 de Janeiro; 7.º Phamenoth, 25 de Fevereiro; 8.º Phormouthi, 27 de Março; 9.º Pachon, 26 de Abril; 10.º Pavi, 26 de Maio; 11.º Epiphi, 25 de Junho; 12.º Mésori, 24 de Julho.*

*A esses juntam-se cinco dias "epagómenos" ou complementares e um sexto cada quatro annos.*

*O Genesis diz-nos que em sua origem os israelitas contavam 360 dias cada anno. Depois da sua sahida do Egypto, adoptaram um calendario luni-solar: a instituição da Páschoa, festa destinada a recordar a sua emancipação do poder de Pharaó, e que devia celebrar-se sempre na lua cheia mais proxima do equinoccio da primavera, obrigou-os a usal-o. A sua permanencia em Babylonia não fez mudar em nada este calendario, mas deram aos mezes os nomes dos mezes babylonicos.*

*A sua duração é alternativamente de nove e de trinta dias, os annos são simples e intercalados; para formar estes ultimos dobra-se o mez "Adar", ultimo do anno, que toma o nome de "Ve-Adar". Tal é a forma do calendario que ainda está em uso entre os judeus.*

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre o tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paissandú, 111 — Rio de Janeiro.

*Marianna* — A formula do depilatorio que eu adopto destina-se a enfraquecer gradualmente a raiz do cabello até á sua extincção.

*Mlle. Almeida* (S. Paulo) — Posso enviar-lhe um preparado de effeito rapido para a cura do mau cheiro da transpiração.

*Ernestina* — Emquanto a mulher cuida da sua pelle, do seu cabello e dos dentes, o amor não a attráe. Para a saude da sua cutis adopte o *Tratamento Hygienico da Pelle* indicado a pags. 7 e 8 do meu prospecto que acompanha a *Loção Adstringente*. Com minha *Tintura Liquida* obterá o tom castanho claro muito bonito. Meu *Dentifricio* e *Pasta para os Dentes* são a garantia da saude dos dentes.

*Mme. C. M.* — O *Femino*, corrige a flacidez dos tecidos, faz cessar rapidamente as hemorrhagias.

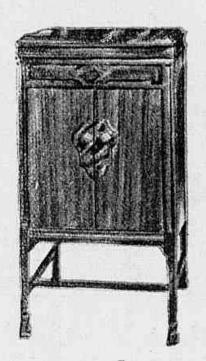
*Moderna* — A agitação humana, com todos os seus veridicos horrores, é uma má escola para a mocidade. Procure crear em volta de si um ambiente moral, e sobretudo afaste da vista o objecto da sua doentia paixão. Porque não se dedicar a uma arte? A arte eleva o espirito e educa o sentimento. Pelo contrario, considere-se feliz. Queixe-se apenas de si e procure remediar a sua falta.

*Mme. Garcia* — Não ha formosura sem cuidar da saude da pelle. A nossa pelle é uma rêde cujas malhas é preciso conservar. A massagem diaria com o *Crême de Massagem* é um remedio excellente. Depois de cobrir o rosto, pescoço, braços e mãos com o *Crême de Massagem*, lave com agua e sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colhér do *Tonico da Pelle* cuja acção é benefica para os poros. Supponho que para a sua pelle oleosa o melhor fixativo do pó de arroz é a *Loção Adstringente*.

*Laurinda* — Nada existe mais delicado do que uma bonita pelle. O grande e simples segredo para conservar a pelle em todo o seu brilho consiste no tratamento hygienico que encontra indicado a paginas 7 e 8 do prospecto que acompanha a *Loção de Embellezar a Pelle*.

SELDA POTOCKA.

# OH! CANTE OUTRA VEZ...

Suave e melodiosa como o luar sobre um mar de estio . . . Uma antiga canção que nos desperta a memoria e que nos tóca o coração com sua belleza de melodia e de sentimento. Estamos assistindo a um concerto . . . EM CASA, tão natural, tão realista é a reproducção pela Victrola Orthophonica que é como se vissemos o piano e os cantores agrupados em torno delle, sem esforço de imaginação e como se estivessem presentes na sala comnosco. Com um desses incomparaveis instrumentos, todo o mundo musical acha-se aos nossos pés. Musica para todos os nossos estados d'alma . . . Musica cantada magistralmente ou tocada por artistas de celebridade mundial. Não se prive o leitor da alegria de possuir uma Victrola Orthophonica.

MODELO 4 — 3

Procure-nos hoje mesmo!

PAUL J. CRISTOPH COMPANY

(Distribuidores Geraes da Victor Talking Machine Co.)

OUVIDOR, 98 — RIO S. BENTO, 33 — S. PAULO